



Revista Adventista

Especial *Semana de Oração*

Revista Mensal · Ano 78 · Nº 844 · €1,90

Setembro 2017

Somente *pela* Graça

“Cristo, nossa justiça”

Saudações do Presidente

Este ano marca o 500º aniversário da Reforma Protestante, quando a mensagem da salvação apenas através de Cristo foi ouvida por muitos pela primeira vez. A luz espalhou-se não apenas mediante os ensinamentos dos grandes Reformadores, mas também por intermédio da disseminação da própria Bíblia, na medida em que esta se tornou disponível nas línguas nacionais e as pessoas puderam ler a verdade por si mesmas.

Assim, é adequado que as leituras para a nossa Semana de Oração de 2017 se foquem em “Cristo nossa justiça”, pois verdadeiramente “debaixo do céu, nenhum outro nome há... pelo qual devemos ser salvos” (Atos 4:12).

Ellen G. White expressou de modo muito belo este pensamento durante uma das sessões da Conferência Geral, quando disse: “A única maneira pela qual os seres humanos poderão permanecer firmes no conflito é estar arraigados e firmados em Cristo. ... A pregação de Cristo crucificado, Cristo justiça nossa, é o que sa-

cia a fome da alma. Quando firmamos o interesse das pessoas nessa grande verdade central, fé, esperança e coragem chegam ao coração.”¹

Encorajo-o esta semana a não apenas ler estas meditações especiais, mas também a gastar tempo na leitura da Palavra de Deus e na oração, ao nos focarmos juntos em “Cristo nossa justiça”. Se tiver crianças no seu lar, certifique-se de que partilha com elas as meditações infantis.

Que o Senhor nos abençoe ao nos reunirmos como uma família que compõe a Igreja mundial, de modo a estudarmos e a orarmos durante este tempo decisivo da história da Terra. ✨



Ted N. C. Wilson

Presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia

1. In *General Conference Daily Bulletin* de 28 de janeiro de 1893 (veja também *Eventos Finais*, p. 94).

CONHEÇA O AUTOR

Hans (Johann) Heinz, Th. D., nascido em Viena, Áustria, começou os seus estudos teológicos no Séminaire Adventist du Salève, em Colonges, França. Depois da sua licenciatura, iniciou o seu ministério pastoral em Viena, em 1953. Quatro anos depois, foi chamado ao Seminário Schloss Bogenhofen, onde passou 21 anos como Professor. Durante sete anos também trabalhou como diretor da referida escola. Depois de completar o seu doutoramento na Universidade de Andrews, serviu como Deão do Seminário de Marienhohe, em Darmstadt, Alemanha, de 1982 a 1995. Publicou vários livros e escreveu muitos artigos sobre teologia e história da Igreja. A sua dissertação doutoral, *Justificação e Mérito*, lida com o conflito entre a doutrina Católica Romana do mérito e a doutrina bíblica da justificação pela fé. Heinz e a sua esposa, Louise, desfrutam hoje de uma aposentação ativa em Bogenhofen, Áustria. O seu filho, Daniel, é atualmente o diretor do Arquivo Histórico da Igreja Adventista do Sétimo Dia na Europa, situado na Universidade Adventista de Friedensau, na Alemanha.

Revista Adventista

SETEMBRO 2017 · Ano 78 · Nº 844

"EIS QUE CEDO VENHO"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-!O melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

revista.adventista@pservir.pt

DIRETOR

António Amorim

Diretor de Redação

Lara Figueiredo

Coordenador Editorial

Paulo Lima

Colaboradores de Redação

Manuel Ferro

Projeto Gráfico

Sara Calado

Diagramação

Rita Mendes Sadio

Ilustração da Capa

© Shutterstock

PROPRIETÁRIA E EDITORA

Publicadora SerVir, S. A.

Diretor Artur Guimarães

Sede e Administração

Rua da Serra, nº 1 – Sabugo 2715-

-398 Almagem do Bispo

Tel.: 21 962 62 00 Fax: 21 962 62 01

Controlo de Assinantes

Paulo Santos

E-mail: assinaturas@pservir.pt

Tel.: 21 962 62 19

Impressão e Acabamento

MDI – Design e Impressão

V. N. Famalicão

Tiragem 1800 exemplares

Depósito Legal Nº 1834/83

Preço Número Avulso €1,90

Assinatura Anual €19,00

*Isento de Inscrição no E. R. C. – DR 8/99
artº 12º Nº 1a ISSN 1646-1886*



A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A..

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

Mensagem do Diretor do Departamento dos Ministérios das Publicações da Divisão Inter-Europeia



OFERTA ANUAL DE SACRIFÍCIO

“Porque já sabeis a graça do nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, por amor de vós se fez pobre, para que pela sua pobreza enriquecêsseis.” II Coríntios 8:9.

Se perguntarem a alguém qual foi a centelha que deu início ao fogo da Reforma na Alemanha, espalhando-se daqui por toda a Europa e decidindo Martinho Lutero a apresentar as 95 Teses na porta da catedral de Wittenberg, a resposta imediata pode ser – “dinheiro”. Foi um tempo em que o dinheiro dominava não só a vida social, mas também a vida econômica e religiosa.

Nesta Semana de Oração redescobrimos, juntamente com os Reformadores, a coisa mais preciosa para a nossa existência e para a nossa salvação: a imerecida graça de Deus, e o fruto que ela produz na vida dos crentes.

O conceito de graça domina toda a Bíblia, e, contudo, quando pensamos neste precioso dom de Deus, o nosso pensamento leva-nos imediatamente para um dos mais famosos escritores da Bíblia, o apóstolo Paulo.

O texto apresentado acima, de II Coríntios 8:9: “Porque já sabeis a graça do nosso Senhor Jesus Cristo...” é um dos pensamentos mais profundos sobre a graça de Deus expressos pelo grande apóstolo Paulo. Mas não podemos esquecer o contexto em que Paulo transmite esta verdade. Dois capítulos desta segunda Epístola aos Coríntios são dedicados a recolher ajuda para os crentes de Jerusalém. Toda a secção apresenta o projeto de uma oferta especial iniciado e organizado pelo apóstolo Paulo para a igreja de Jerusalém. No entanto, não verão a palavra “dinheiro” em todos estes versículos, embora saibamos que a oferta era expressa dessa maneira. Em vez disso, outra palavra domina os dois capítulos, a palavra “graça”.

Devido à graça de Deus, as igrejas da Macedónia podem participar na recolha das ofertas, podem dar voluntária e alegremente “segundo o seu poder (o que eu mesmo testifico) e ainda acima do seu poder” (II Coríntios 8:3).

Para o apóstolo Paulo, o fundamento de dar segundo a vontade de Deus só pode ser a Sua graça. É por isso que ele não está especialmente preocupado com o tamanho da oferta, mas com os frutos da graça de Deus manifestados na vida dos crentes. Eles estavam prontos a dar, porque a alegria da graça de Deus enchia o seu coração. Os Macedónios viam no amor de Deus e na graça manifestada no Gólgota o verdadeiro Doador, e queriam expressar a sua gratidão. Para eles, dar não era uma maneira de mostrar o quanto faziam para Deus, mas o quanto Deus tinha feito por eles.

Essa mesma verdade é expressa por Ellen G. White, na seguinte citação: “O amor expresso no Calvário deve ser reavivado, fortalecido e difundido entre as nossas igrejas. Não devemos nós fazer tudo quanto podemos para tornar eficazes os princípios que Cristo trouxe ao mundo? Não nos devemos esforçar para estabelecer e tornar eficazes os empreendimentos

de beneficência que agora são reclamados sem demora? Ao estarem perante a Cruz, e verem o Príncipe do Céu a morrer por vós, podem fechar o coração, dizendo: ‘Não, não tenho nada para dar?’” – *Conselhos sobre Mordomia*, p. 16.

A Semana de Oração é uma ocasião única em que a Igreja de todo o mundo se reúne à volta da mesma mensagem, e a adoração recebe novas valências através das orações e das experiências. A mensagem este ano dirige os nossos olhos para o Gólgota, o lugar onde a graça de Deus foi derramada sobre toda a Humanidade em abundância, e essa graça continua a dar fruto para a eternidade. No Calvário, Jesus tornou-Se pobre. Ele não beneficiou da Sua própria graça, para poder enriquecer-nos.

Uma forma prática de mostrarmos a nossa gratidão pela riqueza da Sua graça é mostrá-la agora mesmo, seguindo o exemplo dos crentes da Macedónia. A Oferta da Semana de Oração foi introduzida pela primeira vez em 1922, durante a recessão econômica, e foi uma oferta mundial para sustentar missionários em todo o mundo. A falta de meios financeiros ameaçava o seu trabalho nos campos missionários. Quase um século depois desse evento, a Igreja Adventista mundial continua a espalhar o Evangelho por todo o mundo, e a oferta desta semana é para sustentar esse trabalho. Inicialmente, foi uma oferta de sacrifício, tal como a oferecida pelos crentes da Macedónia. Acreditamos que chegou o momento de esta oferta voltar a ser não só uma oferta normal, mas uma oferta muito especial, uma oferta de sacrifício, apontando assim para o grande sacrifício feito no Gólgota.

Através da oferta reunida entre os crentes vindos dos Gentios, uma oferta universal, Paulo queria fortalecer a unidade da Igreja, aproximar as pessoas de Jerusalém daquelas que estavam longe, não só geograficamente, mas também culturalmente distantes.

Temos uma mensagem comum nesta Semana de Oração, mas também uma oferta global que sustenta a missão mundial e, deste modo, estamos unidos no esforço de fazer chegar o Evangelho a toda a nação, grupo étnico ou língua.

Os crentes da Macedónia queriam dar e pediram ao apóstolo Paulo, “com muita insistência”, que não fossem excluídos desse privilégio. Hoje, ninguém nos exclui, só nós mesmos podemos impedir-nos de dar. Que o exemplo dos Macedónios, a coragem dos Reformadores e o sacrifício dos pioneiros Adventistas nos inspirem a desejarmos manifestar a graça de Deus através da oferta que fizermos. Assim, a bênção de Deus não demorará a descer sobre a Sua Igreja como tem acontecido no passado. “E Deus é poderoso para fazer abundar em vós toda a graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, toda a suficiência, abundeis em toda a boa obra” (II Coríntios 9:8). ☞

Ioan Campian

Diretor do Dep. Minist. Publicações da Divisão Inter-Europeia, Berna, Suíça



A Palavra de Deus, o Fundamento da nossa Fé

AGORA É O TEMPO DE DESENVOLVER FÉ E CONFIANÇA TOTAIS NA PALAVRA DE DEUS.

A primeira vista, o pequeno grupo parecia ser semelhante a qualquer outra procissão fúnebre: membros do clero, observadores curiosos e homens com instrumentos para cavar uma sepultura. Apenas faltava uma coisa – um caixão com o falecido.

UM FUNERAL ESTRANHO E PLENO DE ÓDIO

À medida que o grupo entrava no pátio da igreja paroquial de Santa Maria, em Lutterworth, Inglaterra, um sentimento de excitação – e de vingança – enchia o ar. Finalmente, 43 anos depois do Arqui-herético John Wycliffe ter sido deposto na sua sepultura, ele iria receber a devida paga.

Ao chegarem ao lugar da sepultura, os homens começaram avidamente a abrir o solo, cavando cada vez mais fundo até as suas picaretas terem atingido a madeira. Depois de abrirem o caixão, mãos profanas retiraram os ossos de Wycliffe do

seu lugar de repouso e lançaram-nos numa fogueira.

Não tendo conseguido executá-lo durante a sua vida, o Papado estava determinado em realizar os seus intentos após a sua morte. Depois de os ossos de John Wycliffe se terem tornado em cinzas, os orgulhosos prelados recolheram-nas e lançaram-nas no vizinho rio Swift, esperando assim apagar todo o vestígio do homem e da sua obra.

Qual a razão de tal ódio? Qual a razão de tal acrimónia? A razão era o facto de John Wycliffe ter ousado desafiar o Papa, ter pregado contra os frades e, pior do que tudo, ter ousado traduzir a Bíblia do Latim

para a língua inglesa, dando assim a santa Palavra de Deus ao povo na sua língua nativa. Sacerdotes, bispos e o próprio Papa sabiam que a luz da Palavra de Deus dispersaria as trevas que os mantinham no poder e que mantinham o seu sistema corrupto.

“Mas queimar os ossos de tal homem não podia pôr fim à sua influência”, escreveu o teólogo e historiador George Townsend vários séculos depois. “Tal como escreveu John Foxe, no seu *Livro dos Mártires*, ‘embora tenham desenterrado o seu corpo, queimado os seus ossos e lançado à água as suas cinzas, no entanto a Palavra de Deus e a verdade da sua doutrina, com o fruto e o sucesso delas resultantes, não podiam ser queimadas; sendo que elas permanecem até ao dia de hoje.’”¹

Enquanto Wycliffe escapou ao fogo durante a sua vida, muitos outros que vieram após ele foram queimados na fogueira, decapitados,

afogados – martirizados pela sua fidelidade a Deus e à Sua Palavra.

DAR A BÍBLIA AO POVO

O esforço para dar a Bíblia às pessoas na sua própria língua continuou. Duzentos anos após o nascimento de Wycliffe, Martinho Lutero, o mais conhecido de todos os Reformadores, publicou a sua tradução alemã do Novo Testamento, em 1522. A sua tradução completa da Bíblia foi publicada pela primeira vez em 1534 e foi bem acolhida pelo povo comum de língua alemã. Mas as autoridades não ficaram satisfeitas: “Em vão se invocaram tanto autoridades eclesiásticas como civis para acabar com a heresia. Em vão recorriam à prisão, à tortura, ao fogo e à espada. Milhares de crenças selaram a fé com o seu sangue, e mesmo assim a obra prosseguia. A perseguição servia apenas para propagar a verdade.”²

Enquanto Martinho Lutero estava a levar a Palavra de Deus ao povo comum da Alemanha, William Tyndale seguia nas pegadas de Wycliffe, ao dispor-se a preparar uma nova

tradução inglesa da Bíblia. A Bíblia de Wycliffe tinha sido traduzida da *Vulgata*, a tradução latina, mas Tyndale realizou a sua tradução a partir das línguas originais (Hebreu e Grego). A sua obra não foi bem-vinda em Inglaterra, pelo que Tyndale fugiu para a Alemanha, onde em 1525 surgiu o seu Novo Testamento – o primeiro a ser impresso na língua inglesa, tendo sido traduzido do Grego.

Imediatamente contrabandeada para a Inglaterra, a tradução de Tyndale foi bem recebida pelo povo, mas odiada pelas autoridades. Em 1535, enquanto traduzia o Antigo Testamento, Tyndale foi traído. Depois de ter sofrido durante 500 dias na prisão, Tyndale foi martirizado – estrangulado com correntes e queimado na fogueira. Alguns amigos fiéis completaram a sua obra e a tradução completa da Bíblia por Tyndale foi publicada alguns anos após a sua morte.

A PAIXÃO DOS REFORMADORES

Por que razão estes homens passaram por tanta dor e tanto sofrimento,

até mesmo pela morte, para levar a Palavra de Deus ao povo? Eles fizeram-no porque desejavam que as pessoas conhecessem a verdade de Deus. Logo que os olhos do público fossem abertos para a verdade da Bíblia, eles veriam as contradições existentes entre o que diz a Palavra de Deus e o que os sacerdotes ensinavam. A verdade libertá-los-ia da tenaz do medo imposto pela Igreja institucional.³

Ellen G. White partilhava a paixão que os Reformadores tinham de permitir o acesso de todos às Escrituras. “A Bíblia não foi dada apenas para os pastores e para os académicos”, escreveu ela. “Todo o homem, toda a mulher e toda a criança devem ler as Escrituras por si mesmos. Não dependam do pastor para que ele as leia por vós. A Bíblia é a Palavra de Deus para vós. O homem pobre precisa tanto dela como o homem rico, o ignorante tanto como o instruído. E Cristo tornou a Sua Palavra tão simples que, ao lê-la, ninguém tem de tropeçar.”⁴

Devido aos princípios Protestantes de se aceitar o texto tal como



está escrito e de se permitir que a Bíblia se interprete a si mesma, a maior parte das nossas verdades fundamentais – o Sábado, o estado dos mortos, o santuário e o juízo investigativo – já estavam estabelecidas quando a Igreja Adventista do Sétimo Dia foi oficialmente organizada, em 1863.

Comentando este estudo fundamental da Bíblia que esteve na origem das nossas doutrinas, Ellen G. White escreveu: “O meu esposo, o Pastor José Bates, o Pai Pierce, o Pastor [Hiram] Edson e outros que eram inteligentes, nobres e verdadeiros, achavam-se entre os que, expirado o tempo em 1844, buscavam a verdade como a tesouros escondidos. Reunia-me com eles, e estudávamos e orávamos fervorosamente. Muitas vezes ficávamos reunidos até alta noite e, às vezes, a noite toda, pedindo luz e a estudar a Palavra. Repetidas vezes esses irmãos se reuniram para estudar a Bíblia, a fim de que conhecessem o seu sen-

tido e estivessem preparados para ensiná-la com poder.”⁵

UM OLHO CRÍTICO

Hoje alguns depreciam a ideia de existir uma “leitura simples” do texto bíblico. Segundo o seu modo de pensar, é necessário abordar a Bíblia com um olho crítico, de modo a compreender que partes da Palavra de Deus têm sentido para nós no século XXI. Em vez de compararem escritura com escritura, eles colocam a sabedoria humana como árbitro daquilo que é ou não relevante. Uma das maiores batalhas que enfrentamos, enquanto Adventistas do Sétimo Dia, é a batalha sobre a autoridade da Bíblia.

Lembremo-nos de que as Escrituras são a nossa única salvação, à medida que seguimos e promovemos fielmente o método histórico-bíblico de interpretar a Bíblia, permitindo que esta se interprete a si mesma, linha a linha e preceito a preceito.

Note bem as seguintes instruções para se aceitar a Bíblia tal como ela se lê: “Deus exige mais dos Seus seguidores do que muitos pensam. Se não queremos basear as nossas esperanças do Céu num falso fundamento, precisamos de aceitar o que diz a Bíblia e crer que o Senhor cumpre o que afirma.”⁶

MÉTODOS DE ESTUDO DA BÍBLIA

A Igreja Adventista do Sétimo Dia tem um documento oficial sobre o modo como se deve estudar a Bíblia. Votado pelo Comitê Executivo da Conferência Geral no seu Conselho Anual, realizado no Rio de Janeiro, Brasil, o documento “é dirigido a todos os membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia, com o propósito de fornecer linhas orientadoras sobre o modo de estudar a Bíblia”. Ele explica duas diferentes abordagens às Escrituras.

O método histórico-crítico minimiza a necessidade de fé em



Deus e de obediência aos Seus mandamentos. Além disso, porque tal método elimina praticamente o elemento divino na Bíblia enquanto livro inspirado (incluindo a sua unidade, que daí resulta) e deprecia ou compreende mal a profecia apocalíptica e as porções escatológicas da Bíblia, nós exortamos os estudantes Adventistas da Bíblia a evitarem confiar no uso das pressuposições e das resultantes deduções associadas ao método histórico-crítico.

Em contraste com as pressuposições do método histórico-crítico, cremos ser útil estabelecer os princípios do estudo da Bíblia que são consistentes com os ensinamentos das próprias Escrituras, que preservam a sua unidade e que são baseados na premissa de que a Bíblia é a Palavra de Deus. Tal abordagem levar-nos-á a uma experiência satisfatória e recompensadora com Deus.⁷

Deus deu-nos um mandato vindo do Céu para que sejamos os defensores da Sua Palavra, porque ela demonstrou ser verdadeira e porque ela muda a vida das pessoas. O mundo está inundado de comportamentos existenciais – pessoas que pensam que tudo é relativo, quando tal não é verdade! Há absolutos e eles encontram-se na Palavra de Deus e na nossa fiel adesão à Sua Palavra.

RESERVE TEMPO PARA A PALAVRA DE DEUS

Estamos a viver no período laudiceano dos últimos dias, quando o Cristianismo é frequentemente superficial. O diabo tentará fazer tudo para nos distrair de aceitar a Bíblia e a verdade. Serão usados todos os meios possíveis: a recriação, os meios de comunicação, os divertimentos, o trabalho, a música, as discórdias e as lutas internas, os falsos ensinamentos, as discórdias familiares, os problemas

económicos – tudo o que diminua o tempo a conceder à Palavra de Deus.

Mas agora é o tempo de nos assegurarmos de que lemos a Bíblia todos os dias. A Palavra de Deus é vitalmente importante, porque nos coloca face a face com Jesus. Ela ensina-nos que a salvação é possível apenas através de uma completa confiança n'Ele. Ela fala-nos da Sua vida e morte, da Sua ressurreição e do Seu ministério em nosso favor no Lugar Santíssimo do santuário celestial. Ela recorda-nos de que o Sábado é o selo especial e a aliança de Cristo com o Seu povo que obedece aos mandamentos. Ela confirma a crença e a esperança numa Segunda Vinda, literal e próxima, de Cristo, o nosso Redentor. Ela ajuda-nos a saber que servimos um Deus que nunca falhará e cuja Igreja será vitoriosa contra os ataques do diabo.

Agora é o tempo de desenvolver uma fé e uma confiança total na Palavra de Deus. Sabemos que se aproxima um tempo em que não seremos capazes de confiar nos nossos sentidos, em que serão apresentados um “poderoso engano, quase invencível”⁸ e uma ilusão de tal modo atraente que, “se possível fora, enganariam até os escolhidos” (Mat. 24:24).

AGORA É O TEMPO

Aproxima-se uma tempestade. Agora é o tempo de construir sobre o firme fundamento da Palavra de Deus. O próprio Jesus diz-nos como podemos preparar-nos de modo a estarmos prontos: “Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras, e as pratica, assemelhará-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha; e desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha” (Mat. 7:24 e 25).

A nossa fé e as nossas crenças devem ser construídas sobre a intemporal Palavra de Deus. A Bíblia, que foi fielmente preservada e selada com o sangue dos mártires, transcende os tempos e as culturas. É a Palavra viva de Deus e, através da orientação do Espírito Santo, podemos encontrar nela as respostas de que precisamos tão desesperadamente hoje. †

TED. N. C. WILSON É O PRESIDENTE DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA.

1. George Townsend, *The Acts and Monuments of John Foxe: With a Life of the Martyrologist, and Vindication of the Work*, vol. 3, p. 96.
2. Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 164, ed. P. SerVir.
3. “William Tyndale”, em <http://greatsite.com/timeline-english-bible-history/william-tyndale.html>.
4. Ellen G. White, Manuscrito 12, 7 de fevereiro de 1901.
5. Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, livro 1, p. 206.
6. Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, vol. 5, p. 171.
7. “Methods of Bible Study”, <https://www.adventist.org/en/information/official-statements/documents/article/go/-/methods-of-bible-study/>.
8. Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 520, ed. P. SerVir.

QUESTÕES PARA

Refletir e Partilhar

1. Que significado histórico vê na história da incineração dos ossos de Wycliffe?
2. Como podemos melhorar a nossa prática do estudo da Bíblia, de modo que possamos beneficiar mais dela?
3. O que significa a declaração “Aproxima-se uma tempestade”? De que modo estamos a preparar-nos para ela?



Aprendendo o Evangelho

“EU APRENDI O EVANGELHO COM ELE” (FILIPE MELANCHTHON).

Alguns amigos perguntaram a Filipe Melanchthon, o companheiro Reformador de Martinho Lutero, amante da paz e sempre em busca de consensos, por que razão ele era tão devotado a Lutero, sendo que o grande homem podia, por vezes, ser obstinado, mandão e rude. Melanchthon, que era ele mesmo um dos grandes eruditos do período da Reforma, respondeu de forma simples e concisa: “Eu aprendi o Evangelho com ele.”

Através da influência de Lutero e da Reforma, “o Evangelho” regressou ao centro da fé cristã no começo da era moderna. Segundo o apóstolo Paulo, ele é a mensagem através da qual “o poder de Deus” opera, “para salvação de todo aquele que crê” (Romanos 1:16).

EVANGELHO

Esta palavra significa as “boas-novas”, a “mensagem alegre”, a “mensagem de vitória”. É o “evangelho de Deus” (Romanos 1:1), porque vem de Deus e fala sobre Deus. Mas também é o “evangelho de Cristo”

(Romanos 15:19), isto é, a mensagem sobre a missão, o sacrifício e a morte expiatória de Jesus de Nazaré, o Messias divino, mensagem essa que deve ser comunicada ao mundo. Além do mais, o Evangelho também fala acerca da Sua vitória sobre a morte, da Sua mediação perante Deus em favor do Seu povo que ainda vive e que se debate neste mundo, e também do Seu futuro regresso para completar a Sua obra. Assim, o Evangelho consola-nos, porque, depois da presente “salvação num mundo perdido”, Cristo regressará para “mudar o mundo inteiro”. O

Evangelho fornece a solução para o problema humano básico: “O Evangelho é o único antídoto para o pecado e para a miséria do mundo.”¹

PODER DE DEUS

O Evangelho tem um poder criador porque é a Palavra de Deus. As palavras humanas não detêm poder criador. Elas são frequentemente apenas “barulho e fúria”. Mas quando Deus pronuncia o Evangelho, aquilo que Ele diz também acontece: todos os que creem recebem a salvação.

SALVAÇÃO

A salvação não acontece como resultado da especulação filosófica, de teoremas ou de sabedoria colhida de livros. A salvação da Humanidade da sua miséria de culpa e vacuidade de vida não é produzida pelo discurso humano, mas pela ação e absolvição divinas. É aquilo a que Lutero chamou o “*admirabile commercium*”,² a maravilhosa troca ou substituição.

Na cruz, “Deus... em Cristo” (II Coríntios 5:19) trocou de lugar com o mundo. Ele recebeu o juízo que deveria ter sido executado sobre o pecador: “o Juiz julgado no nosso lugar.”³ Ele recebeu o nosso castigo sobre Si e dá-nos a Sua justiça (II Coríntios 5:21); Ele tornou-Se fraco e dá-nos a Sua força (II Coríntios 12:9); Ele tornou-Se pobre por nós e dá-nos a Sua abundância (II Coríntios 8:9); Ele trocou miséria por glória, sofrimento por alegria, e “fez-se a si mesmo ‘nada’ (Filipenses 2:7) em contraste com o Seu ‘tudo’, de modo que nós ‘tenhamos tudo’, embora ‘nada tenhamos’ (II Coríntios 6:10)”⁴

POR TODOS

As maravilhas do Evangelho não se aplicam apenas a uma nação, a um género ou a um estatuto social particulares, mas são para todos. Devido à sua experiência em Damasco, o apóstolo Paulo, que antes se gabava orgulhosamente da sua ascendência judaica e da sua justiça própria farisaica (Filipenses 3:4-6), tornou-se amigo das nações gentias a que pertenciam tantos dos seus companheiros cristãos. Eles eram a sua “alegria e coroa” (Filipenses 4:1). Para ele, o sofrimento e a morte de Cristo por todos (I Timóteo 2:6) apagavam todos os preconceitos nacionais, sociais e de género (Gálatas 3:26-28). O Evangelho quebra todas as barreiras e cria uma comunidade supranacional. Em Cristo diversas pessoas com origens diferentes e educação e experiência variadas são unidas na “*família Dei*”, a família de Deus: “Jesus derruba o muro divisório, os preconceitos do nacionalismo, e ensina o amor por toda a família humana.”⁵ Acima de tudo, todos os seres humanos se tornam “filhos de Deus”. Cristo une-nos não apenas no plano horizontal, mas também e especialmente no plano vertical: Ele

volta a ligar a Humanidade a Deus pela Sua morte salvífica. Como?

ATRAVÉS DA FÉ EM CRISTO

Quando Paulo fala sobre “crer”, não se refere a supor-se algo ou a imaginar-se algo, nem sequer a concordar-se com uma afirmação específica. Crer nas Escrituras – nessa época, o Antigo Testamento – significa “reter firmemente, apreender, ser fiel”.⁶ No Novo Testamento, crença significa “confiança” e “fidelidade”. Nós recebemos salvação – perdão dos pecados, aceitação por Deus, renovação de vida e redenção final – ao confiarmos na promessa de salvação de Cristo, ao nos mantermos firmes nela e ao permanecermos fiéis até ao fim. O que salva o “ímpio”, o pecador, não são as suas conseqüências (“obras”), mas a sua confiança no Deus que o declara justo em Cristo (Romanos 4:5). A justificação do pecador, isto é, o facto de ele ser declarado justo perante o propiciatório de Deus, acontece apenas pela fé, independentemente das obras da lei (Gálatas 2:16).

A Igreja acreditava que tinha preservado este Evangelho ao longo dos séculos e que era a sua fiel intérprete. Muitos dos que julgavam entender Paulo tinham esquecido a essência da sua mensagem. Um tipo de “inocente justiça de obras”⁷ tinha-se apoderado da Cristandade e tinha transformado a pregação apostólica sobre a graça pela fé numa subtil religião assente nas obras. Sob a influência do legalismo da sinagoga, dos ensinamentos gregos sobre a virtude e do pensamento jurídico romano, a absolvição do pecador pela graça foi substituída por um “labutar”⁸ indispensável, em que aquele que buscava a salvação nunca sabia se tinha feito o suficiente para ser merecedor da salvação. Havia vo-

zes discordantes, mas ou elas não eram em si mesmas inteiramente claras ou não foram ouvidas.

Depois veio a gloriosa redescoberta da mensagem apostólica pela Reforma do século XVI, quando as palavras de Paulo – “o justo viverá pela fé” (Romanos 1:17) – voltaram a brilhar e a Cristandade percebeu de novo que “a única glória dos Cristãos está apenas em Jesus Cristo”.⁹ †

1. Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 92, ed. P. SerVir.

2. Martin Luther, *Luthers Schriften: Weimar Edition* (Stuttgart: Metzler, 2003), vol. 7, p. 25.

3. Karl Barth, *Church Dogmatics* (Edinburgh: T. & T. Clark, 2009), vol. IV.1, p. 211.

4. Horst Pohlmann, *Abriss der Dogmatik* (Gutersloh: Gutersloher Verlag, 1975), p. 185.

5. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 704, ed. P. SerVir.

6. Rolf Luther, *Neutestamentliches Wörterbuch* (Hamburg: Furche Verlag, 1963), p. 95.

7. Barth, p. 523.

8. Tertuliano, *De poenitentia* 6.

9. Martin Luther, *Luthers Schriften: Weimar Edition* (Stuttgart: Metzler, 2004), vol. 13, p. 570.

QUESTÕES PARA

Refletir e Partilhar

1. De que modo o Evangelho mudou a sua vida? O que ganhou com ele?
2. Como podemos interagir com pessoas formadas cientificamente, de modo a mostrar-lhes que precisam do Evangelho?
3. Que efeito restaurador tem na sua alma a mensagem da justificação apenas pela fé?
4. O que há no Evangelho que pode atrair os jovens ou os mais velhos para a importância da fé cristã?



O Fundamento da nossa Salvação

“IMEDIATAMENTE SENTI QUE TINHA NASCIDO DE NOVO E ENTRADO NO PRÓPRIO PARAÍSO PELOS PORTÕES ABERTOS” (MARTINHO LUTERO).

Adoutrina da justificação somente pela fé é o “santuário da Reforma”.¹ Quando Martinho Lutero compreendeu a maravilhosa promessa da justificação do pecador através da confiança no Crucificado, foi como se o Reformador já tivesse entrado no Paraíso.

UMA LUTA NA ALMA

Enquanto monge, sacerdote e professor de teologia, Lutero debatera-se durante anos para entender a frase de Paulo: “Porque nele [i.e., no Evangelho] se descobre a justiça de Deus” (Romanos 1:17). Dia e noite os seus pensamentos revolviam-se à volta desta frase. Segundo as suas próprias palavras, ele odiava a expressão “justiça de Deus”, porque compreendia-a filosoficamente, segundo os Pais da Igreja e os teólogos escolásticos, como uma justiça que Deus exige, mas que o pecador não pode produzir, pelo que conseqüentemente cai sob o juízo de Deus.

“O ESPÍRITO SANTO DES-VELOU-ME AS ESCRITURAS NESTA TORRE.”

Em 1545, um ano antes da sua morte, o ex-monge Agostinho, que se tornou Reformador, olhou de novo para o ponto de viragem na sua vida, na sua crença e na sua prática. Esta reviravolta foi a inovadora compreensão de que a “justiça de Deus” não é uma exigência, mas um dom: a justiça passiva que Deus imputa a todo aquele que crê em Cristo. Segundo ele, ele tinha percebido isto no quarto da torre do Mosteiro Negro, em Wittenberg: “O Espírito Santo desvelou-me as Escrituras nesta torre.”²

JUSTIÇA BÍBLICA

“Livra-me pela tua justiça” (Salmo 31:1). Já no Antigo Testamento a justiça de Deus é a justiça que salva o pecador. Quando Abraão recebeu a promessa sobre os seus futuros descendentes (Gênesis 15:5), ele não era um “super-homem”, mas um pecador, como somos todos nós. Mas porque ele confiou na promessa de Deus, Deus imputou-lhe isso como justiça (Gênesis 15:6). Isto significa que Deus considerou Abraão como “justo” por causa da sua fé confiante. Tal como o “ímpio” na Bíblia não representa um ateu no sentido moderno do termo, mas o “pecador” em geral (Salmo 1:1; Provérbios 11:31), também o “justo” não é aquele “sem pecado”, mas o “crente” (veja Habacuque 2:4). Isto permitiu que o apóstolo Paulo declarasse que, mesmo sob a Antiga Aliança, as pessoas não eram justificadas pelas obras, mas pela fé (Romanos 4:6-8). Assim, Aquele que

“justifica”, que “declara justo” ou que “considera alguém como justo” é apenas Deus: “O Senhor [é] justiça nossa” (Jeremias 23:6).

Assim, a justiça na Bíblia é um termo religioso, não moral ou político. As pessoas que seguem as leis do Estado e do Governo, que se submetem às leis do Estado de direito, não são algo de excepcional neste mundo. Mas uma pessoa que pretende ser justa perante Deus torna-se presa de um terrível erro, porque mesmo o Salmista, no Antigo Testamento, sabe que “nenhum vivente é justo” perante Deus (Salmo 143:2, *DB*). Assim, se uma pessoa quer ser “justa” perante Deus, precisa da justiça de Deus. É por isso que o Salmista diz: “livra-me pela tua justiça” (Salmos 31:1; 71:2). Esta justiça é, primeiramente, justiça redentora, salvação, não justiça punitiva.

À luz do Novo Testamento, isto significa que o Deus que assume a culpa e o julgamento do mundo ímpio (João 1:29) paga por essa culpa no julgamento que rouba, na cruz, a vida do Seu Filho justo e sem pecado. Por causa desse mesmo sa-

crifício, pode perdoar os injustos, aceitá-los, operar neles de maneira a criar um novo modo de pensar e uma nova vida, e dar-lhes a esperança de um mundo novo e justo (II Pedro 3:13). Apenas aqueles que rejeitarem este dom cairão sob a condenação por causa da sua iniquidade pessoal (Hebreus 10:29 e 30).

ELES NÃO CONHECIAM

“Porquanto, não conhecendo [eles] a justiça de Deus” (Romanos 10:3). Os profetas do Antigo Testamento ensinaram claramente que a necessidade que a Humanidade tem da salvação não pode ser preenchida por mera virtude humana (Isaías 64:5). A salvação do Homem requer a justiça de Deus – através do Seu perdão e da Sua aceitação misericordiosa. Esta verdade não permaneceu clara durante os séculos posteriores à conclusão do Antigo Testamento.

Durante esse período, ensinamentos orais destinados a interpretar os textos bíblicos vieram a ser considerados equivalentes à revelada Palavra de Deus. Assim, as Escrituras combinadas com a tradição oral

tornaram-se no fundamento da fé. A Lei, a *Torah*, recebeu como suplemento muitas instruções sobre como a aplicar, algumas das quais até a substituíram (Mateus 15:1-6) e a modificaram (Romanos 9:31 e 32). Aquilo que foi destinado a ser uma “instrução para vida” foi convertido no “caminho para a salvação”. Esta concepção errônea levou ao formalismo religioso (Mateus 23:23) e mesmo à arrogância religiosa (Lucas 18:9-14) entre os Fariseus do tempo de Jesus.

O conhecimento da necessidade da graça de Deus não foi inteiramente perdido, como ilustram os livros apócrifos do Antigo Testamento.³ Mas houve cada vez mais uma ênfase no valor das obras humanas, que se pensava serem capazes de expiar os pecados,⁴ bem como de permitir reclamar mérito perante Deus.⁵

Toda a vida se tornou num “jugo de servidão”, e os Fariseus procuravam “fazer ostentação da sua piedade”, buscavam “a sua própria glorificação”, crendo que a sua justiça serviria como um “passaporte para o Céu”.⁶





AS PESSOAS PERDIDAS E O NOSSO AMOROSO DEUS

Jesus contraria esta doutrina de salvação com um claro “Não!”. Ele sustentava e ensinava uma imagem de Deus e da Humanidade que era fundamentalmente diferente. Ele sondava a natureza da Humanidade de um modo muito mais profundo do que qualquer um dos seus contemporâneos. O indivíduo, de cujo coração surgem “maus pensamentos” (Mateus 15:19), é completamente incapaz de realizar obras que sejam boas aos olhos de Deus. É-lhe necessária uma conversão radical e a fé no Evangelho (Marcos 1:15). Mas mesmo se alguém se torna num discípulo, tal pessoa tem de depender completamente de Deus, pois estamos sempre “de mãos vazias” perante Deus (Mateus 5:3), e aquilo que fazemos ao seguir Jesus não nos imputa qualquer mérito, pois é o fruto natural da Sua presença em nós (Lucas 17:10).

Deus, o nosso Pai misericordioso, ama os Seus filhos sem cessar; Ele está sempre a perdoar o penitente e a aceitá-lo de volta (Lucas 15:20-24). Nós, os Seus discípulos, fomos cha-

mados para trabalhar. Mas a recompensa que recebemos pelos nossos esforços não é algo que nos é devido e que podemos exigir d’Ele ou cobrar-Lhe, porque Ele dá-nos sempre mais coisas boas do que merecemos (Mateus 20:15). A recompensa que Deus dá não é algo que Ele nos deve, mas apenas mais um dom proveniente da Sua bondade.

O que deu a Martinho Lutero uma vantagem sobre os seus oponentes foi o facto de que ele não tinha apenas adquirido este conhecimento, mas tinha-o também experimentado. Através de muitas lutas consigo mesmo, com a teologia do seu tempo e com os seus proponentes, ele tinha compreendido qual tinha de ser a experiência fundamental de se ser Cristão: “A justiça significa reconhecer Cristo.”⁷ †

1. Wilhelm Dantine, *Die Gerechtmachung des Gottlosen* (Munich: Christian Kaiser Verlag, 1959), p. 248.

2. Martin Luther, *Tischreden*, 3, 3232c.

3. Baruch 2:19, 27.

4. Tobias 12:9.

5. H. L. Strack e P. Billerbeck, *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrash* (Munich: Beck, 1961), vol. IV/1, p. 491.

6. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pp. 159, 520, 345, 253, ed. P. SerVir.

7. Martin Luther, *Luther Schriften: Weimar Edition* (Stuttgart: Metzler, 2005), vol. 31/II, p. 439.

QUESTÕES PARA

Refletir e Partilhar

1. Qual é a diferença entre a compreensão popular de “justiça” e aquilo a que a Bíblia chama “a justiça de Deus”?
2. De que modo a justiça de Deus pode ser mais importante do que a justiça do mundo? Como podemos explicar isto aos nossos contemporâneos, tanto jovens, como idosos?
3. De que modo a compreensão que Jesus tinha de Deus e da Humanidade diferia do pensamento corrente no Seu tempo e no nosso?



Justiça: Uma Questão Prática – Vem Alguma Coisa após a Justificação?

A VIDA CRISTÃ É UMA VIDA “DE FÉ, DE VITÓRIA E DE ALEGRIA EM DEUS” (ELLEN G. WHITE).

SÓ A FÉ JUSTIFICA, MAS ELA NÃO PERMANECE SÓ

Depois do corajoso testemunho de Martinho Lutero perante o imperador, os príncipes e os teólogos, no dia 18 de abril de 1521, no qual ele recusou retratar qualquer uma das suas posições teológicas, a comitiva espanhola do imperador gritou: “Lancem-no no fogo!” Lutero levantou os seus braços e gritou: “Já o atravessei, já o atravessei.”

A APARÊNCIA DA JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ

“Eis que tudo se fez novo” (II Coríntios 5:17).

Este acontecimento dramático na história da Reforma fornece-nos uma vívida ilustração do que significa a justificação pela fé. Embora Lutero não tivesse sido absolvido, ele tinha permanecido corajosamente firme perante o tribunal. Perante o trono de juízo de Deus também nós podemos permanecer firmes e ser absolvidos, por causa da obra salvadora de Cristo. Pela fé, já atravessá-

mos o nosso julgamento pessoal e “[passámos] da morte para a vida” (João 5:24).

Mas há uma grande diferença entre os julgamentos humanos e o julgamento de Deus: um juiz humano pode apenas absolver, mas o juiz divino é capaz de criar de novo. A absolvição de Deus é um julgamento criativo, que transforma a pessoa natural numa pessoa espiritual: os crentes tornam-se naquilo que já são! Estando justificados, agora vivem vidas justas. Estas duas realidades juntas significam

a “justificação no seu sentido mais pleno”¹ para o Reformador.

Hoje falamos de “justificação” (perdão dos pecados) e de “santificação” (vitória sobre os pecados). Ellen G. White designa a vida cristã como uma vida “de fé, de vitória e de alegria em Deus”.² Miraculosamente, começa uma nova vida.³

Pela fé apoderamo-nos de Jesus e submetemo-nos ao reinado do Céu. Cristo e o Espírito Santo inspiram em nós uma vida espiritual vibrante e dinâmica. Esta vida é fruto e testemunho da salvação que recebemos. É para glória de Deus e para o bem dos outros, porque a fé é, como diz o Reformador, “uma obra divina em nós que transforma e permite que nasçamos de novo de Deus (João 1:13)”.

A fé “mata o velho Adão e muda o nosso coração, a nossa coragem, a nossa mente e todas as nossas faculdades, trazendo consigo o Espírito Santo. Há algo vivo, industrioso, ativo, poderoso na fé, que torna im-

possível não fazer continuamente o bem. Ela não pergunta se se devem fazer boas obras, mas antes de se perguntar tal coisa, a fé já as fez e continua a fazê-las”.⁴

UMA CAMINHADA QUE HONRA DEUS

“Assim andemos nós, também, em novidade de vida” (Romanos 6:4).

Embora esta novidade de vida seja, de facto, uma consequência da salvação recebida pela fé, ela é ainda assim necessária para que a vida cristã seja credível. Na Sua obra de

salvação, Deus tem como alvo não apenas o perdão mas também a transformação.

Embora sermos justos perante Deus ocorra no momento em que cremos em Jesus, tornarmos-nos justos na nossa vida é um processo que continua por toda a duração da vida. Este processo dá início ao reinado de Cristo sobre a vida do fiel. Ele representa, como diz Lutero, “o começo da nova Criação”.⁵ Depois de os crentes terem sido justificados legalmente, Cristo, mediante o Espírito Santo, começa

neles uma vida quotidiana de existência piedosa.

Deus trabalha com os pecadores como o “Bom Samaritano” que salvou a vida do homem depois de ele ter sido roubado e ferido. Tal como o Samaritano não hesitou em ajudar um Judeu, também Deus não deixa de amar aqueles que vivem longe de Deus (Romanos 5:8). A sua suprema intenção é salvá-los (Romanos 5:10). E tal como o Samaritano fez tudo e pagou o que era necessário para a recuperação do ferido, também “Deus em Cristo” “fez e pagou” tudo, de modo que possamos ser reconciliados com Ele, e nos tornemos novos n’Ele (veja II Coríntios 5:17, 19, 21).

Mas tal como a vítima necessitou de tempo para se curar, o mesmo se passa com os pecadores. Eles precisam de crescer (II Pedro 3:18).

Mesmo se o perdão foi recebido e já começou uma vida nova, ainda há pecado no interior (Romanos 7:17) e ao redor (I João 5:19) dos pecadores.

Através da operação do Espírito Santo, o pecado já não reina na vida dos Cristãos. De facto, o pecado foi refreado (Gálatas 5:16). No entanto, os crentes não estão agora livres da batalha com o pecado (Gálatas 5:13). Somos chamados a alcançar a vitória nesta batalha (I João 2:1), e somos confortados por sabermos que o perdão de Deus não é um acontecimento pontual, mas é continuamente oferecido àqueles que se arrependem (I João 2:1; Hebreus 7:25).

Lutero descreveu esta tensão entre ser justo perante Deus e ter de lutar com o pecado no mundo. O crescimento em santificação é progressivo, mas será completado apenas quando o “amado dia do juízo” amanhecer: “Nesta vida não se trata de se ser piedoso, mas de nos tornarmos piedosos; não se trata de se ser saudável, mas de nos



tornarmos saudáveis; não se trata de se ser, mas de irmos a ser; não se trata de repouso, mas de exercício. Ainda não estamos lá, mas estamos a caminho de lá. Nem tudo está dito e feito, mas tudo está em processo e em movimento. Não é o fim, mas é o caminho.”⁶ É vontade de Deus que “dia-a-dia sejamos mais santificados”.⁷

Pensamentos semelhantes podem ser encontrados nos escritos de Ellen G. White: A santificação é uma “obra... de toda a vida”; uma experiência “progressiva”. A luta com o pecado é “um trabalho diário”, mas a “fé” traz a “vitória”, ainda que a nossa luta nunca termine enquanto estamos vivos na Terra.⁸

O AMOR CONHECIDO PELA AÇÃO

“A fé que opera por amor” (Gálatas 5:6).

Nós reafirmamos que tanto a justiça que Deus declara como a novidade de vida que vivemos dependem da fé em Cristo. Para o apóstolo Paulo, esta fé revela-se no amor e o amor revela-se na ação. Para compreender o que os crentes recebem no dom da justificação e da santificação, a justificação é por vezes comparada com a nota de 100 euros dada por um pai ao seu filho. Mas o filho não deve guardar a nota para si; ele deve trocá-la por notas de valor mais pequeno de modo a usar bem a oferta: isto é a santificação, ou como escreveu Lutero: “Portanto, por tal Pai, que me cumulou com estas inestimáveis riquezas vindas d’Ele, não deveria eu, livre e alegremente, com todo o meu coração e com zelo voluntário, fazer tudo o que sei ser-Lhe agradável e ser aceitável aos Seus olhos? Portanto, eu dar-me-ei, como uma espécie de Cristo, ao meu próximo, como Cristo Se deu a mim; e nada farei nesta vida, exceto aquilo que veja ser ne-



cessário, vantajoso e adequado para o meu próximo, dado que, pela fé, eu tenho em abundância todas as boas coisas em Cristo.”⁹

1. Paul Althaus, *Die Theologie Martin Luthers* (Gutersloh: Gutersloher Verlag, 1975), p. 205.
2. Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 396, ed. P. SerVir.
3. Martin Luther, *Luthers Schriften: Weimar Edition* (Stuttgart: Metzler, 2006), vol. 39/I, p. 98.
4. Citado de Heinrich Bornkamm, *Luthers Vordenen zur Bibel* (Frankfurt am Main: Insel Verlag, 1983), p. 182.
5. Luther, p. 83.
6. Martin Luther, *Luther Schriften: Weimar Edition* (Stuttgart: Metzler, 2003), vol. 7, p. 337.
7. Martin Luther, *Luthers Schriften: Weimar Edition* (Stuttgart: Metzler, 2006), vol. 40/II, p. 355.
8. Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 401, ed. P. SerVir; *idem*, *Mensagens aos Jovens*, p. 113; *idem*, *O Grande Conflito*, p. 391, ed. P. SerVir.
9. *First Principles of the Reformation or The 95 Theses and the Three Primary Works of Dr. Martin Luther*, ed. Henry Wace e C. A. Buchheim (London: John Murray, 1883), p. 127.

QUESTÕES PARA

Refletir e Partilhar

1. Que dom nos dá Deus através da justificação e da santificação, respetivamente?
2. De que modo a santificação está relacionada com a ausência de pecado?
3. O que significa a santificação na vida quotidiana dos Cristãos?
4. A santificação não cria a salvação, mas é um testemunho necessário dela. Discuta.



Os Mandamentos de Deus – “A Base do Amor”

O CRISTÃO VIVE “SOB A LEI, MAS SEM A LEI”.

O mundo cristão na véspera da Reforma era um mundo de religiosidade vibrante e vigorosa. A maioria das pessoas nesse tempo era piedosa e fiel à Igreja. No entanto, a sua piedade era, em grande parte, mal orientada. Isto é reconhecido até mesmo pela historiografia Católica: “A oração, a vida e os ensinamentos estavam muito longe das Escrituras e do ideal apostólico.”¹

A vida religiosa era frequentemente marcada pelo formalismo e pela rotina. Por exemplo, apenas em Colônia, Alemanha, eram realizadas centenas de missas todos os dias, mas nem um único serviço de oração era oferecido no vernáculo e nenhuma instrução era comunicada aos jovens. As pessoas acorriam aos mosteiros para encontrar segurança secular e espiritual. Nessa época, a Alemanha tinha talvez 20 milhões de habitantes, dos quais um milhão e meio era composto por sacerdotes e monges. Os crentes não eram encorajados a ler as Escrituras, mas sim a realizar peregrinações difíceis (tais como a viagem para ver a “santa capa

de Cristo” em Trêves, Alemanha) ou a maravilharem-se perante a numerosa coleção de relíquias. O Eleitor Frederico, o Sábio, da Saxônia, o soberano que reinava sobre a região onde vivia Lutero, possuía uma coleção com mais de 19 000 relíquias,² que incluíam “feno da manjedoura de Jesus”, um “ramo da sarça ardente” e “gotas de leite de Maria, mãe de Jesus”. A autenticidade destes artefactos nunca era questionada.

A BATALHA DAS INDULGÊNCIAS

A exigência de Jesus para que se fizessem “boas obras” (Mateus 5:16) foi distorcida de uma forma

completamente estranha ao Evangelho. Quando Jesus perdoava às pessoas os seus pecados (Marcos 2:5; João 8:11), Ele não as sobrecarregava com qualquer castigo, mas despedia-as em paz. No entanto, os teólogos medievais transformaram a misericórdia de Jesus num complexo sistema legal orientado para a realização de obras. Era dito que se podia obter a remissão da culpa por meio do padre durante a confissão, mas depois ainda era necessário realizar as obras do penitente para compensar o pecado cometido. Felizmente, também se podia ser isentado dessas obras de penitência. Assim, foi desenvolvida a doutrina das indulgências aplicadas aos castigos temporais do pecado. Começando na Idade Média, tais indulgências podiam ser compradas para os mortos que estavam (supostamente) no purgatório. Apesar da cessação da venda das indulgências depois da Reforma, a doutrina Católica Romana das indulgências ainda existe hoje.³



A Reforma surgiu por causa da luta sobre a legitimidade de tais obras de penitência e da venda de indulgências. Os Papas daquela altura necessitavam de fundos para a construção da Catedral de São Pedro em Roma, pelo que promoveram a venda das indulgências. Um “negócio de dinheiro escandaloso”⁴ começou a espalhar-se, escreve Joseph Lortz, o historiador da Igreja Católica. Um dos mais proeminentes pregadores das indulgências era o sacerdote Dominicano Johann Tetzel, que prometia aos crentes: “Logo que soa o ouro ao entrar na caixa, a alma resgatada sobe para o Céu.”⁵

Isto suscitou a cólera de Martinho Lutero, o jovem professor de teologia em Wittenberg. Numa carta ao arcebispo Albrecht de Mainz, ele protestou contra esta deformação da doutrina cristã: “Cristo não ordenou em parte alguma a pregação de indulgências, mas enfatizou a necessidade de se pregar o Evangelho.”⁶

Segundo o relato do seu amigo, Filipe Melancthon, Lutero escreveu estas linhas em 31 de outubro de 1517 e pregou as suas 95 Teses sobre as indulgências e as obras de penitência na porta da igreja do

castelo em Wittenberg, Alemanha. A primeira tese explode como uma bomba: as obras não representam uma punição pelo pecado; o arrependimento é o modo constante de se viver a vida cristã: “Quando o nosso Senhor e Mestre Jesus Cristo disse ‘Arrependei-vos’, Ele queria que a vida inteira dos crentes fosse uma vida de arrependimento.”⁷

“GUARDEM OS MANDAMENTOS!”

No “Tratado sobre as Boas Obras” (escrito em 1520), o Reformador expôs o que deveriam ser as obras exigidas dos Cristãos. As boas obras são apenas aquelas que Deus requer e não aquelas que as pessoas exigem. Se se pretender saber quais são essas obras, deve-se ouvir o que Cristo disse ao jovem rico: “Se quiseres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos” (Mateus 19:17).

Estes mandamentos são os Dez Mandamentos, não os cânones ou as tradições eclesiásticas. Para se guardar estes mandamentos, é necessária fé dada por Deus, a qual provê o necessário poder para o fazermos. Sem Cristo, as obras são mortas.⁸ Sem obra como sua consequência, a fé é apenas aparente:

“Combina a fé com as boas obras, para que a soma de toda a vida cristã esteja contida em ambas.”⁹ As boas obras são “o selo e o sinal” de que a fé é verdadeira.¹⁰ A fé manifesta-se no amor e o amor na guarda dos mandamentos.¹¹

Assim, os Cristãos vivem “sob a lei, mas sem a lei”.¹² “Sem a lei”, porque os crentes em Jesus não podem ser condenados pela Lei; “sob a lei”, porque ela permanece válida mesmo para os Cristãos nascidos de novo. A Lei é necessária para se reconhecer o pecado (Romanos 3:20) e para nos voltarmos a orientar – iluminados e motivados pelo Espírito Santo – em direção à vontade de Deus (Romanos 8:4; Hebreus 8:10).

Ellen G. White escreve, de modo idêntico, que a Lei realmente não é capaz de salvar, mas que, quando Deus a imprime no coração, o Cristão deve e pode realizá-la.¹³

Lutando com os “antinomianos”, “opponentes da Lei” presentes nas suas próprias fileiras, o Reformador deplorou que tantos dos seus seguidores apenas favorecessem “o doce Evangelho”, em que a justificação do pecado é mais importante do que a justificação do pecador. Ele suspeitava de que viria um tempo em que



as pessoas viveriam segundo a sua vontade e diriam que não há Deus.¹⁴

Deus chamou o povo do Advento para alertar para este perigo e para pleitear em favor da fidelidade para com os mandamentos de Deus. Ele deu-nos uma “mensagem especial”, uma mensagem de Reforma para se restaurar, preservar e seguir a “lei de Deus”. Ellen G. White descreveu-a como sendo a “derradeira mensagem de advertência ao mundo”.¹⁵ ✎

1. Joseph Lortz e Erwin Iserloh, *Kleine Reformationsgeschichte* (Freiburg im Breisgau: Herder, 1969), p. 25.
2. Roland Bainton, *Martin Luther*, 4th ed. (Gottingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1962), pp. 54 e 55.
3. *Katechismus der Katholischen Kirche* (Munich: 1993), § 1494-1498.
4. Lortz e Iserloh, p. 41.
5. Martinho Lutero, tese 27, citada de Ingetraut Ludolphy, *Die 95 Thesen Martin Luthers* (Berlin: Evangelische Verlagsanstalt, 1976), p. 23.
6. Martinho Lutero, *Luthers Schriften: Weimar Edition, Briefe* (Stuttgart: Metzler, 2002), vol. 1, p. 111.

7. Ludolphy, p. 20.

8. Martinho Lutero, *Luthers Schriften: Weimar Edition* (Stuttgart: Metzler, 2003), vol. 6, pp. 204 e 205. Infelizmente, o próprio Lutero recuou para a tradição eclesiástica quando pensou que tinha descoberto elementos nos Dez Mandamentos que dependiam do tempo em que foram dados, descrevendo o Sábado como uma instituição judaica, apesar de, na verdade, este ter tido a sua origem na ordem da Criação (Gén. 2:2 e 3). Ao mesmo tempo, ele teve de admitir que a adoração ao domingo teve a sua origem na tradição eclesiástica (*Der große Katechismus* [Munich: Siebenstern, 1964], pp. 37 e 38).

9. Martinho Lutero, *Luthers Schriften: Weimar Edition* (Stuttgart: Metzler, 2003), vol. 12, p. 289.
10. *Ibid.*, vol. 10/III, pp. 225 e 226.
11. Heinrich Bornkamm, *Luthers Vorreden zur Bible* (Frankfurt/Main: Insel Verlag, 1983), p. 179.
12. Martinho Lutero, *Luthers Schriften: Weimar Edition* (Stuttgart: Metzler, 2006), vol. 39/I, p. 433.
13. Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 330, ed. P. SerVir.
14. Martinho Lutero, *Luthers Schriften: Weimar Edition*, Deutsche Bibel (Stuttgart: Metzler, 2003), vol. 11/II, p. 117.
15. Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 225.

QUESTÕES PARA

Refletir e Partilhar

1. Porque é importante para os Cristãos conhecerem a sua norma de conduta?

2. Que importância têm os mandamentos de Deus na nossa vida? Como experimentamos a “liberdade da lei” e a “liberdade para a lei”?

3. O que temia Lutero já no seu tempo? Será que a sua premonição se realizou? Qual é o propósito do povo do Advento para o nosso tempo?



Justificação pela Fé Hoje – Onde a Teologia se Encontra com a Vida Quotidiana

A ÚNICA SOLUÇÃO PARA ESTE DILEMA PODE SER ENCONTRADA EM JESUS DE NAZARÉ, O “HOMEM ABSOLUTO”, CUJAS VIDA, MORTE E RESSURREIÇÃO GARANTEM A SALVAÇÃO PRESENTE E FUTURA.

Sempre que os Cristãos se recordam da doutrina bíblica da justificação somente pela fé, as pessoas experimentam um despertar, um reavivamento e uma reforma. Este foi também o caso quando Martinho Lutero remontou ao apóstolo Paulo (“Paulo, meu Paulo”) atravessando uma tradição de Igreja com mais de mil anos e, com esta “tese suprema”,¹ pôs em marcha a Reforma do século XVI.

Em 24 de maio de 1738, depois de John Wesley ter ouvido o Prefácio à *Epístola aos Romanos* de Lutero, em Aldersgate Street, Londres, ele deu início a um movimento de reavivamento em Inglaterra que se tornou “uma época dominante da história inglesa”.²

Também foi isto que aconteceu quando, em 1888, na sessão da Conferência Geral, em Minneapolis, começou um novo capítulo cristocêntrico na história Adventista com a contemplação da justiça de Cristo. Os frutos dessa reviravol-

ta foram alguns livros de Ellen G. White centrados em Cristo: *Aos Pés de Cristo*, *O Maior Discurso de Cristo*, *Parábolas de Jesus* e *O Desejado de Todas as Nações*. Por outro lado, as épocas em que os Cristãos se focaram nas suas próprias conseqüências e nos seus próprios méritos foram sempre períodos de declínio. Desde o segundo século d.C. o foco de Paulo na justificação apenas pela fé já não era adequadamente compreendido. Durante a Idade Média, os seus seguidores eram uma minoria e na véspera da Reforma prevalecia

a opinião de que, “se um homem faz aquilo que está em seu poder, então Deus acrescentará a Sua graça”. Esta frase horrorizava Lutero e levou-o a exclaimar nas suas lições sobre Romanos: “Oh, loucos!”³

JUSTIFICAÇÃO DOS PECADORES OU JUSTIFICAÇÃO DE DEUS?

Se consideramos estas circunstâncias no contexto da atual situação religiosa, elas parecem ter pouco significado para hoje.

Na teologia moderna, a doutrina da justificação desempenha apenas um papel subordinado. É considerada uma mera polémica, limitada no tempo, contra o legalismo judaizante dos tempos apostólicos. Afinal, ela surge apenas em duas das epístolas paulinas, pelo que tem uma “importância secundária” para a doutrina cristã da redenção. É uma doutrina em vias de desaparecimen-

to, porque, assim nos é dito, a situação histórica em que foi formulada não tem qualquer relevância hoje.

Uma exceção à corrente falta de interesse na justificação pela fé encontra-se na área da política eclesial ecumênica, onde a “Declaração Conjunta” de 1999, emitida pelo Concílio Pontifical para a Promoção da Unidade Cristã e pela Federação Mundial Luterana, afirmou existir um “consenso principal” sobre a doutrina da justificação, o que o Papa Bento XVI considerou ser “um marco na estrada que leva à unidade cristã”.⁴ Mas desde essa data as coisas têm estado muito silenciosas no que toca a este documento, dado que ele, na opinião de muitos comentadores, diz com palavras semelhantes aquilo que continua a ser compreendido de modo diferente. Finalmente, a maior parte das pes-

soas, frequentemente pessoas seculares, já não está em busca de um “Deus misericordioso” como buscava Lutero, mas pergunta, sim, se esse Deus realmente existe. Se Ele existe, deveria então procurar justificar-Se por todo o sofrimento e por todo o mal que existem no mundo!

É claro que a maior parte das pessoas de mentalidade secular não são ateus agressivos. A atitude prevalente entre elas é a do “ateísmo prático”, uma atitude em que não se combate contra Deus, mas simplesmente se ignora a Sua existência, porque se vive muito bem sem Ele.

O NOSSO DESAFIO

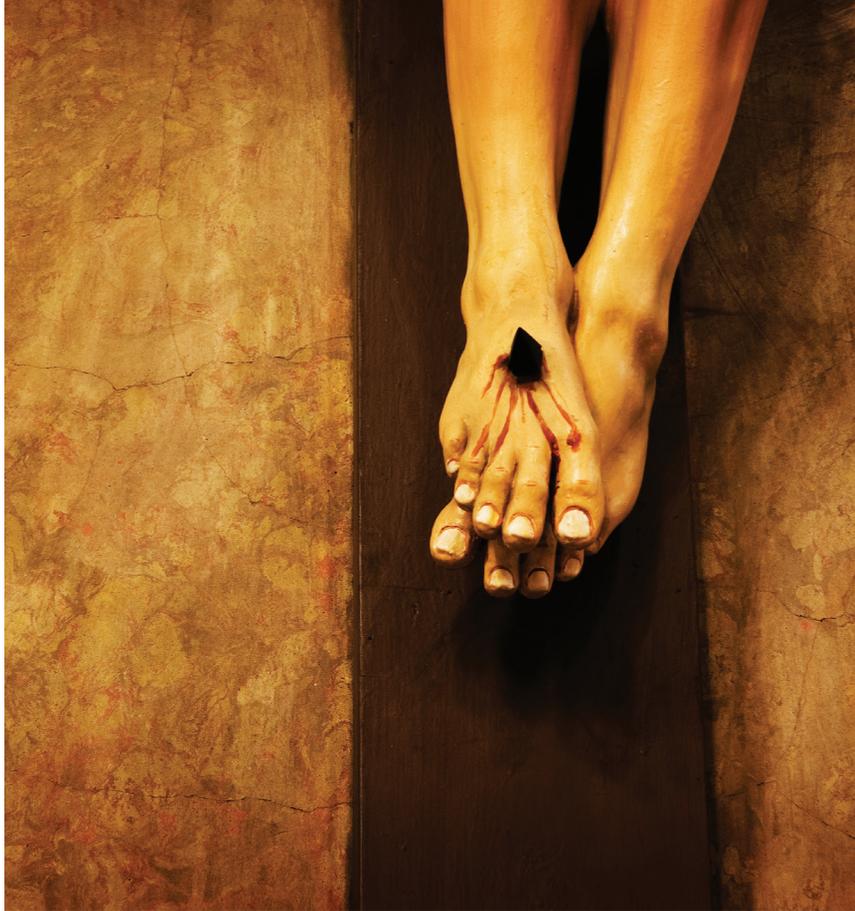
Como é que nós, Cristãos, podemos abordar pessoas como estas e suscitar nelas uma percepção do Evangelho? A maioria delas nem sabe o que é o pecado, quanto mais

que ele é primeiramente uma ofensa contra Deus (Salmo 51:5-11)! Elas também não sabem como pode o pecado ser perdoado (I João 2:2) e que parte de uma vida realizada consiste em ter uma paz (Rom. 5:1) e uma esperança (Tito 2:11-14), que não se encontram neste mundo.

Embora as pessoas pareçam não ter espaço para Deus, elas sofrem com a culpa num plano horizontal: conflitos interpessoais, injustiça social e política, guerras entre nações e destruição da Natureza – o fundamento essencial da nossa existência.

A pregação cristã Adventista pode sintonizar-se com esta autoconsciência das pessoas em diversos níveis. Nós reconhecemos que a alienação de nós mesmos e do nosso ambiente resulta da alienação daquele que é o Doador da Vida e o Criador. O veredicto do apóstolo é





claro: “Não há ninguém que entenda; não há ninguém que busque a Deus. Todos se extraviaram” (Romanos 3:11 e 12).

A nossa experiência testifica da verdade da declaração das Escrituras: “Pode o etíope mudar a sua pele, ou o leopardo as suas manchas? Nesse caso, também vós podereis fazer o bem, sendo ensinados a fazer o mal” (Jeremias 13:23). O problema reside não tanto nas circunstâncias, mas na própria Humanidade, que é incapaz de se controlar e de encontrar uma solução para este mundo. É como Jesus diz, e como Paulo afirma: “Porque, do coração procedem os maus pensamentos” (Mateus 15:19), e nós estamos “vendidos sob o pecado” (Romanos 7:14). O pecado (no singular, como uma condição existencial) é, em última análise, afastarmo-nos de Deus e virarmo-nos para a Criação: pensamos que podemos dominar a nossa vida. Esta atitude leva aos pecados (plural, atos de pecado).

ENTÃO, O QUE FAREMOS?

A única solução para este dilema pode ser encontrada em Jesus de Nazaré, o “Homem absoluto”, cujas vida, morte e ressurreição garantem a salvação presente e futura. Ele viveu entre nós “no mundo”, mas não era “do mundo”. Ele é o caminho de volta a Deus, porque, enquanto Filho de Deus, Ele mesmo é a “revelação de Deus” (veja João 14:6, 9).

Se formos honestos, reconheceremos que a aspiração humana para realizar “o extraordinário mundo novo” é realmente uma utopia. Apesar dos grandes avanços tecnológicos – pense no poder nuclear, na exploração do Espaço, no reino digital dos *bits* e dos *bytes* – este “mundo perfeito” permanece inalcançável. Os pecadores não são capazes de criar algo sem pecado! A “nova terra, onde habita a justiça” (II Ped. 3:13) pode ser prometida e dada apenas por Deus; só assim pode ser esperada e aguardada pe-

los seguidores de Cristo. Tudo isto faz da doutrina cristã da salvação uma opção intemporal e indispensável para os nossos companheiros humanos desamparados e sem esperança. O povo do Advento foi chamado para pregar ao mundo esta mensagem para o nosso tempo: apenas “em Cristo” podemos fazer a paz com Deus e uns com os outros; apenas o Seu amor dá significado à vida e esperança num mundo em que reinará a justiça! Como escreveu Ellen G. White: “De todos os profetas Cristãos, devem os Adventistas do Sétimo Dia ser os primeiros a levantar Cristo perante o mundo.”⁵ ✨

1. Martinho Lutero, *Luthers Schriften: Weimar Edition* (Stuttgart: Metzler, 2004), vol. 21, p. 219.
2. William Lecky, citado em Julius Roessele, *Johannes Wesley*, 2nd ed. (Giessen: Brunnen, 1954), p. 24.
3. Martinho Lutero, *Luthers Schriften: Weimar Edition* (Stuttgart: Metzler, 2007), vol. 56, p. 274.
4. *IdeaSpektrum 46* (novembro 2005), p. 12.
5. Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 188.

QUESTÕES PARA

Refletir e Partilhar

1. Por que razão as pessoas à nossa volta apreciam tão pouco a doutrina da justificação dos pecadores?
2. Do que precisa a Igreja Adventista do Sétimo Dia para experimentar um reavivamento? Qual é a nossa tarefa neste tempo?
3. O que lhe transmite confiança e esperança num mundo que crê que se pode salvar a si mesmo, mas que se encontra à beira do abismo?



O Verão que nunca Acabará – Antecipar a Segunda Vinda de Jesus

A VIDA DO CRISTÃO NESTE MUNDO, EXPLANOU LUTERO, É UMA VIDA CHEIA DE TENSÕES.

A Reforma do século XVI é um dos grandes acontecimentos da história humana. Para os historiadores, ela separa duas épocas: a Idade Média e a Idade Moderna. No entanto, para os crentes Protestantes (incluindo os Adventistas), ela representa uma intervenção divina. O Cristianismo iria realinhar-se, em doutrina e prática, com o padrão da Palavra bíblica, não com as tradições humanas. Esta é a essência da enorme sublevação religiosa que pôs fim à “Idade das Trevas”. Como escreveu Ellen G. White: “[O Protestantismo] firma o princípio de que todo o ensino humano deve subordinar-se aos oráculos de Deus.”¹

“VEM, ÚLTIMO DIA QUERIDO”²

Este importante princípio fez de Martinho Lutero não apenas um Reformador no tocante à questão sobre o modo como uma pessoa é justificada perante Deus, mas também no tocante à renovação da atitude do Cristianismo primitivo para com o Último Dia.³

Os Cristãos medievais acreditavam na Segunda Vinda de Cristo, mas esta promessa era sobretudo

um tema que suscitava o medo e o terror. Sem a segurança da salvação, o fim aparecia como “um dia de vingança e horror”, escreveu o monge Franciscano medieval Tomás de Celano, quando “o juiz vem para fazer justiça de forma severa”. Mas Lutero, baseado no seu estudo da Bíblia, trouxe a primitiva alegria cristã de volta à expectativa do fim, porque reconheceu que a esperança cristã é “uma melhor esperança” (Hebreus

7:19), uma “esperança viva” (I Ped. 1:3) e, portanto, a “bendita esperança” (Tito 2:13).

Pode-se facilmente perceber o anseio apaixonado por libertação em Cristo que o Reformador experimentou na sua caminhada de fé. Quanto mais velho Lutero ia ficando, mais forte se tornou a sua expectativa. A promessa do regresso de Cristo era para ele “um doce e alegre sermão”. Se esse dia não viesse, o Reformador desejava antes não ter nascido. Assim, é compreensível que tivesse apenas um desejo a comunicar a Deus no decurso das lutas e das tristezas da sua vida: “Prometeste o dia, para nos redimires de todo o mal. Assim sendo, que ele venha nesta mesma hora, e ponha fim a todas as nossas misérias.”⁴

UM “TER” E UM “AINDA NÃO TER”

A vida do Cristão neste mundo, explanou Lutero, é uma vida cheia de tensões. O estado do crente é

um “ter” e ao mesmo tempo um “ainda não ter”, um “ser” e um “ainda não ser”. Os Cristãos já têm a salvação pela fé, mas ainda não a têm perante os olhos. Já são justos perante Deus, mas ainda vivem num mundo fragmentado afastado de Deus. Considerando o princípio bíblico do “já” e do “ainda não”, podemos compreender a paixão e o anseio com que Lutero esperava o dia do regresso de Cristo. Pois nós, que temos a certeza da dádiva da salvação baseada numa fé confiante em Deus, iremos – desde que permaneçamos em Deus – ansiar pelo dia do regresso de Jesus com um desejo fervoroso e uma alegria profunda, quando a redenção pessoal se transformará na redenção de toda a Criação. Como disse Lutero: “Ajuda-nos, Senhor Deus amado, para que o bendito dia do Teu santo futuro possa vir cedo.”⁵

SINAIS DOS TEMPOS – “UM DOCE E ALEGRE SERMÃO”

A esperança do regresso de Cristo tornou-se cada vez mais forte à medida que avançava a idade do Reformador, porque ele frequentemente se sentia desamparado ao lidar com a Humanidade e com o mundo. Tornou-se claro para ele que nem príncipes, nem o Papa podiam resolver os problemas da Humanidade: “O mundo é o filho do diabo.... não conseguimos ajudá-lo, nem instruí-lo.” E: “Não há pregação, gritaria, admoestação, ameaças ou rogos” que o possam ajudar. Ele é “a taberna do diabo”; os “Dez Mandamentos revertidos” são a sua marca e, portanto, ele é e permanece “um covil de ladrões”.

Apenas a vinda de Cristo pode ajudar, pois, no mundo, os Cristãos estão “rodeados por uma multidão de diabos”. O Papa e o Imperador colocam a sua esperança na política



e as pessoas consideram-nos como os seus “salvadores”. Mas Lutero aconselhou a que se esperasse pelo “verdadeiro Salvador”, que deu a promessa segura do Seu regresso.

Para fortalecer a Sua Igreja nesta espera, Cristo apontou para os “sinais dos tempos”, incluindo os desastres naturais e as guerras. O sinal mais claro para Lutero era constituído pelos principais perigos do seu tempo, que ainda são relevantes hoje: O declínio da fé no interior da Cristandade e o conflito entre o Islão e o Cristianismo.

Lutero observava com grande preocupação o afastamento da Igreja papal do Evangelho e a onda da expansão islâmica que já tinha inundado a Europa de sudeste e que, em 1529, tinha mesmo surgido diante das portas de Viena de Áustria. Mas ele também viu um sinal distintivo do juízo vindouro na ingratidão dos seguidores da Reforma perante a luz que tinham recebido: “Eu quero profetizar sobre a Alemanha, não a partir das estrelas, mas a partir da teologia. Proclamo contra ela a ira de Deus. ... Oremos e não desprezemos a Sua Palavra!”⁶

Segundo Lutero, todos os sinais ocorrem para o encorajamento dos

crentes e para o julgamento dos descrentes. Os últimos ainda têm a “graça” de não se preocuparem com eles, enquanto os primeiros são provavelmente capazes de ver neles “a cólera de Deus”, que não os prejudicará, pois Deus preserva o Seu povo.

O Reformador não quis argumentar sobre até que ponto os sinais já tinham sido cumpridos, mas ele estava convencido de que “a maioria [dos sinais] já ocorreu”, e isto era uma razão para os Cristãos se regozijarem, apesar dos desastres e das aflições. Esta alegria é característica dos verdadeiros intérpretes da Bíblia, porque os “observadores das estrelas e os adivinhos” – Lutero estava provavelmente a pensar nos astrólogos e nos esotéricos – falam apenas de catástrofes. Apenas os Cristãos compreendem as “alegres e doces palavras: ‘a vossa redenção’ (Lucas 21:28)”. Portanto, o regresso de Cristo deve ser visto através dos olhos da esperança cristã, não através dos olhos da razão secular. Lutero pensava que os Cristãos tinham de “morder a bala” e beber “a taça amarga”, mas depois viria a “doçura”. É por isso que Cristo está agora a chamar a Sua família

para se erguer e se regozijar. Mesmo se a proclamação do Evangelho não é bem recebida pela maior parte das pessoas, “a pequena multidão” compreendê-lo-á e trabalhará e orará tendo em vista a vinda de Cristo, porque, como notou Lutero, “tem sido um inverno suficientemente longo, agora quer chegar um belo verão, e um verão tal que nunca terminará”.⁷ †

1. Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 170, ed. P. SerVir.

2. Martinho Lutero, *Luthers Schriften: Weimar Edition, Briefe* (Stuttgart: Metzler, 2002), vol. 9, p. 175.

3. Paul Althaus, *Die Theologie Martin Luthers*, 4th ed. (Gutersloh: Gutersloher Verlagshaus, 1975), p. 351.

4. Martinho Lutero, *Luthers Schriften: Weimar Edition* (Stuttgart: Metzler, 2005), vol. 34/II, p. 466.

5. Martinho Lutero, *Luthers Schriften: Weimar Edition, Tischreden* (Stuttgart: Metzler, 2000), vol. 5, no. 5777.

6. *Ibidem*, vol. 3, no. 3711.

7. Lutero, *Luthers Schriften*, vol. 34/II, p. 481.

QUESTÕES PARA

Refletir e Partilhar

1. Como é que Martinho Lutero avaliava os esforços dos seres humanos para se salvarem a si mesmos? Compare a sua análise com os modernos conceitos de salvação.
2. Que papel desempenhava a esperança da Segunda Vinda de Cristo na fé de Lutero?
3. Até que ponto a expectativa que Lutero tinha dos eventos finais diferia daquela possuída pela Humanidade medieval?
4. O que significa a esperança da Segunda Vinda de Cristo para a sua vida, hoje?





A Certeza da Salvação – Deixe a Graça Transformar a sua Vontade e as suas Ações

Torne-se distinto e claro o assunto de que não é possível efetuar coisa alguma na nossa posição diante de Deus ou no dom de Deus para nós, por meio do mérito de seres criados. Se a fé e as obras adquirissem o dom da salvação para alguém, o Criador estaria em obrigação para com a criatura. Eis aqui uma oportunidade para a falsidade ser aceite como verdade. Se alguém pode merecer a salvação por alguma coisa que faça, encontra-se, então, na mesma posição que os Católicos ao fazerem penitência pelos seus pecados. A salvação, neste caso, consiste, em parte, numa dívida, que pode ser ganha como salário. Se o Homem não pode, por qualquer das suas boas obras, merecer a salvação, então ela tem de ser inteiramente pela graça, recebida pelo Homem como pecador, porque ele aceita Jesus e crê n'Ele. Ela é inteiramente um dom gratuito. A justificação pela fé está fora de controvérsia. E toda esta discussão estará terminada logo que seja estabelecida a questão de que os méritos do Homem caído, nas suas boas obras, jamais lhe poderão obter a vida eterna.

INTEIRAMENTE DE GRAÇA

A luz que me foi dada por Deus coloca este importante assunto acima de qualquer dúvida na minha mente. A justificação é inteiramente de graça, não sendo obtida por nenhuma obra que o Homem caído possa efetuar. Em linhas claras foi-

-me apresentado o assunto de que, se o rico possui dinheiro e propriedades e faz uma oferta dos mesmos ao Senhor, surgem falsas ideias para arruinar a oferta com o pensamento de que ele mereceu o favor de Deus e de que o Senhor está sob a obrigação para com ele de conside-

rá-lo com especial favor por causa dessa dádiva.

Tem havido pouquíssima instrução, em linhas claras, sobre este ponto. O Senhor emprestou ao Homem, em custódia, os Seus próprios bens – meios que Ele requer que Lhe sejam devolvidos quando a Sua providência o indicar e a edificação da Sua Causa o exigir. O Senhor deu o intelecto. Ele deu a saúde e a habilidade de obter lucros terrenos. Criou as coisas da Terra. Manifesta o Seu poder divino para desenvolver todas as suas riquezas. Elas são os Seus frutos, provenientes da Sua própria lavoura. Ele deu o Sol, as nuvens, os aguaceiros, para fazer com que a vegetação floresça. Como servos empregados por Deus, colheram a Sua messe a fim de usar de maneira econômica o que as vossas necessidades requeriam e de deixar o restante à disposição de Deus. Podem dizer com David: “Porque tudo vem de ti, e das tuas mãos to damos” (I Crônicas 29:14). Assim, a satisfação do mérito da criatura não pode consistir em restituir ao Senhor o que Lhe pertence, pois isto sempre foi Sua propriedade, a ser

usada da forma como Ele, na Sua providência, determinar.

PERDENDO O FAVOR DE DEUS

Pela rebelião e apostasia, o Homem perdeu o favor de Deus; não os seus direitos, pois ele só teria valor, se fosse revestido do amado Filho de Deus. Este ponto tem de ser compreendido. Ele perdeu os privilégios que Deus, na Sua misericórdia, lhe concedera como dom gratuito, como tesouro em custódia, a ser usado para promover a Sua Causa e a Sua glória, e para favorecer os seres criados por Ele. No momento em que a obra das mãos de Deus recusou obedecer às leis do reino de Deus, nesse próprio instante ela tornou-se desleal ao governo de Deus e fez-se inteiramente indigna de todas as bênçãos com as quais Deus a tinha favorecido.

Esta foi a posição da raça humana depois que o Homem se divorciou de Deus pela transgressão. Então, ele não tinha mais direito a uma lufada de ar, a um raio da luz do Sol ou a uma partícula de alimento. E a razão de o Homem não ter sido destruído foi que Deus o amou de tal manei-

ra que deu o Seu Filho amado para que sofresse a penalidade da transgressão dele. Cristo prontificou-Se a tornar-Se no Penhor e Substituto do Homem, para que este, por meio de graça sem igual, tivesse outra prova – uma segunda oportunidade – tendo a experiência de Adão e Eva como advertência para não transgredir a Lei de Deus como eles fizeram. E, visto que o Homem desfruta das bênçãos de Deus na dádiva da luz do Sol e na dádiva do alimento, ele deve inclinar-se diante de Deus em grato reconhecimento de que todas as coisas provêm d’Ele. Tudo o que Lhe é prestado como retribuição é somente o que Lhe pertence por ser o Doador.

O Homem quebrou a Lei de Deus e, por intermédio do Redentor, foram feitas novas e recentes promessas numa base diferente. Todas as bênçãos precisam de vir por meio de um Mediador. Agora todo o membro da família humana está inteiramente entregue nas mãos de Cristo, e tudo o que possuímos – quer seja os dons do dinheiro, de casas, de terras, de faculdades de raciocínio, de força física

ou de talentos intelectuais – nesta vida presente, e as bênçãos da vida futura são colocados em nosso poder como tesouros de Deus a serem aplicados fielmente para benefício do Homem. Todo o dom é assinado pela Cruz e traz a imagem e a inscrição de Jesus Cristo. Todas as coisas provêm de Deus. Desde os menores benefícios até à maior bênção, tudo flui através do único Conduto – uma mediação sobre-humana salpicada com o sangue cujo valor é inestimável, porque era a vida de Deus no Seu Filho.

Ora, nenhuma alma pode dar alguma coisa a Deus que já não seja d’Ele. Tenham isto em mente: “Tudo vem de ti, e das tuas mãos to damos” (I Crônicas 29:14). Deve ser mantido diante do povo, aonde quer que formos, que não possuímos nada, nem podemos oferecer coisa alguma, em valor, em obra, em fé, que primeiro não tenhamos recebido de Deus e sobre os quais Ele não possa colocar a mão em qualquer momento e dizer: Eles são Meus – dons, bênçãos e talentos que Eu vos confiei, não para que se enriqueçam, mas para sábio desenvolvimento em benefício do mundo.

TUDO É DE DEUS

A Criação pertence a Deus. Se abandonasse o Homem, o Senhor poderia deter-lhe imediatamente a respiração. Tudo o que ele é e tudo o que ele possui pertence a Deus. O mundo inteiro é de Deus. As casas dos homens, as suas aquisições pessoais, tudo o que é valioso ou brilhante é a própria dotação de Deus. Tudo isto é dádiva Sua, para ser devolvida a Deus de modo a ajudar a cultivar o coração humano. As ofertas mais esplêndidas podem ser colocadas sobre o altar de Deus, e os homens enaltecirão, exaltarão e louvarão o Doador pela sua liberalidade. Em quê? “Tudo vem de ti, e



das tuas mãos to damos” (I Crônicas 29:14). Nenhuma obra do Homem pode fazer com que mereça o amor perdoador de Deus, mas o amor de Deus, imbuindo a alma, levá-lo-á a efetuar as coisas que sempre foram requeridas por Deus e que o Homem deve realizar com prazer. Ele só efetuou o que o dever sempre requereu dele.

Os anjos de Deus no Céu, que nunca caíram, fazem continuamente a Sua vontade. Em tudo o que eles fazem no seu laborioso encargo de misericórdia para o nosso mundo, amparando, guiando e guardando a obra das mãos de Deus através dos séculos – tanto os justos como os injustos –, podem dizer verdadeiramente: “Tudo é Teu. Das Tuas mãos To damos.” Oxalá o olhar humano pudesse ter vislumbres dos anjos! Oxalá a imaginação pudesse compreender e demorar-se sobre o esplêndido e glorioso serviço dos anjos de Deus e dos conflitos em que se empenham em favor dos homens, para os proteger, guiar e conquistar, e para desviá-los das ciladas de Satanás. Quão diferente seria a conduta e o sentimento religioso! ...

PODER SOBRENATURAL PARA OBRAS SOBRENATURAIS

A razão por que tantos não conseguem ser obreiros bem-sucedidos é agirem como se Deus dependesse deles e sugerirem a Deus o que Ele deve fazer com eles, em vez de confiarem no Senhor. Põem de lado o poder sobrenatural e deixam de realizar a obra sobrenatural. Confiam o tempo todo nas suas próprias faculdades humanas e nas dos seus irmãos. São tacanhos e estão sempre a ajuizar segundo a sua finita compreensão humana. Precisam de elevação espiritual, pois não têm poder do Alto. Deus dá-nos o corpo, o vigor cerebral, o

tempo e a oportunidade para trabalhar. Requer-se que todos sejam utilizados ao máximo. Unindo a Humanidade com a Divindade, podem realizar uma obra tão duradoura como a eternidade. Quando os homens pensam que o Senhor cometeu um erro nos seus casos individuais, e determinam o seu próprio trabalho, deparar-se-ão com o desapontamento.

“Pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus” (Efésios 2:8). Aqui há uma verdade que desdobrará o assunto perante a vossa mente, se não a fecharem aos raios de luz. A vida eterna é um dom infinito. Isto coloca-a fora da possibilidade de ser ganha por nós mesmos, pois é infinita. Tem de ser forçosamente uma dádiva. E, como tal, tem de ser recebida pela fé, devendo ser oferecidos a Deus gratidão e louvor. Uma fé sólida não conduzirá ninguém ao fanatismo, nem a desempenhar o papel do servo indolente. É o fascinante poder de Satanás que leva os homens a olharem para si mesmos, em vez de olharem para Jesus. A justiça de Cristo deve ir à nossa frente para que a glória do Senhor seja a nossa retaguarda. Se fazemos a vontade de Deus, podemos aceitar grandes bênçãos como uma generosa dádiva de Deus, mas não em virtude de algum mérito em nós; este é sem valor. Realizem a obra de Cristo e honrarão Deus e serão mais do que vencedores por meio d’Aquele que nos amou e deu a vida por nós, para que tivéssemos vida e salvação em Jesus Cristo. ✨

ELLEN G. WHITE – ESTE ARTIGO FOI RETIRADO DO LIVRO “FÉ E OBRAS”, PP. 17-24. OS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA CREAM QUE ELLEN G. WHITE (1827-1915) EXERCEU O DOM DE PROFECIA BÍBLICO DURANTE MAIS DE 70 ANOS DE MINISTÉRIO PÚBLICO.



PRIMEIRO SÁBADO

VERSÍCULO BÍBLICO

"Toda a Escritura, divinamente inspirada, é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça" (II Timóteo 3:16).

As meditações infantis foram escritas por Gary Wagner e pela sua esposa, Deena Bartel-Wagner. Gary é Pastor na Associação de Nova Iorque. Deena é editora da revista *Adventist Chaplaincy Ministries* na Conferência Geral. Eles aguardam ansiosamente o breve regresso do seu Salvador, Jesus Cristo.

A VERDADE SOBRE DEUS

"**E** stá na hora do culto familiar", chamou o Pai. "Tragam as vossas Bíblias."

Luc, Tess e Jake agarraram nas suas Bíblias e, depois da oração, o Pai perguntou: "Sabiam que houve um tempo em que as pessoas não tinham Bíblias no seu lar?"

"Não tinham dinheiro para as comprar?", perguntou Jake.

"As Bíblias e os outros livros eram muito caros porque eram copiados à mão", explicou a mãe. "Além disso, as Bíblias estavam escritas em Latim e a maior parte das pessoas não as conseguia ler."

"Então, como é que elas aprendiam sobre Jesus?", perguntou Tess.

"O Pastor contava-lhes histórias retiradas da Bíblia na igreja", disse o pai. "Mas o problema era que algumas pessoas diziam que Deus era severo e queria fazer mal às pessoas. Luc, podes ler-nos, por favor, o Salmo 11:7?"

Luc leu: "Porque o Senhor é justo e ama a justiça." "Este versículo diz-nos que Deus é sempre justo. Ele nunca diz, pensa ou faz algo que seja injusto", disse o pai.

"No Jardim do Éden Satanás disse uma mentira a Eva, e ela acreditou nele", disse Jake. "Ela não confiou no que Deus tinha dito."

"Deus queria estar com todos os Seus amigos na Terra", disse o pai. "Mas, à medida que a Terra se tornou mais povoada, algumas pessoas começaram a contar a história de Satanás sobre Deus ser severo e não ter amor."

"Martinho Lutero, um rapaz que vivia na Alemanha, ouviu estas histórias sobre um Deus severo e tinha a certeza de que Deus estava zangado com ele. Por isso, tentou viver uma vida perfeita", disse a mãe. "Ele aprendeu a ler Latim e estudou para ser advogado. Um dia, durante uma terrível tempestade, Martinho prometeu que iria trabalhar para Deus. Ele tornou-se Pastor e estudou ainda mais a sua Bíblia. Mas isto não tornou Martinho mais feliz. Ele ainda acreditava que tinha de viver uma vida perfeita. Quanto mais Martinho tentava, mais infeliz ele ficava."

"Se Martinho amava Jesus, porque estava tão infeliz?", perguntou Tess.

"Vamos falar mais sobre isso amanhã, durante o nosso culto familiar", disse o pai.



ATIVIDADE Quando pensas em Deus, que imagem vês na tua mente? Desenha um retrato de Deus para partilhares com a tua família.



PERGUNTA PARA REFLEXÃO Se não tivesses Bíblia, como podias lembrar-te das coisas que Deus quer que saibas sobre Ele?

TERÇA-FEIRA

VERSÍCULO
BÍBLICO

“Mas ele foi ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades: o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados” (Isaias 53:5).

LAVAR A SUJIDADE

Luc, Tess e Jake estavam a trabalhar no jardim e na horta da família quando a mãe os chamou para dentro. “Tenho algo para vos mostrar”, disse ela.

Luc, Tess e Jake despacharam-se a lavar a sujidade das mãos e entraram em casa. A mãe estava de pé junto do balcão de cozinha, em frente a dois vasos com flores brancas.

“Quando eu ponho as flores nos vasos, começo a pensar no nosso tempo de meditação familiar”, disse a mãe. “Temos estado a falar sobre o modo como a morte de Jesus nos justifica perante Deus. Estas flores recordam-me do que acontece depois de sermos justificados. Vou pôr um pouco de corante na água de um dos vasos. Veem como a água muda de cor?”

“Ela ficou vermelha!”, respondeu Jake.

“Exatamente”, disse a mãe. “A água vermelha simboliza o sangue de Jesus e a flor branca simboliza a nossa vida. Continuem a olhar para a flor e vejam o que vai acontecer. Nós sabemos que, quando Jesus morreu, Ele derramou o Seu sangue por nós.”

Depois a mãe explicou: “Uma outra palavra

para dizer que Jesus morreu e derramou o Seu sangue por nós é a palavra ‘expição’. Ela significa que o sangue de Jesus elimina o nosso pecado e torna-nos espiritualmente limpos.

Até aceitarmos Jesus e a Sua morte por nós, a nossa vida está suja, tal como estavam sujas as vossas mãos antes de as terem lavado.”

“Olhem, as pétalas brancas estão a ficar vermelhas”, disse Luc, entusiasmado.

“A tinta vermelha na água está a ser absorvida nas pétalas da flor”, indicou a mãe. “A nossa vida também é assim, quando aceitamos Jesus e O seguimos. Começamos a transformar-nos e tornamo-nos diferentes no modo como agimos e como tratamos as outras pessoas. Quando Lhe pedimos para que Ele nos ajude a dizer e a fazer o que é correto, podemos vencer o desejo de fazermos coisas más.”

A mãe acrescentou: “A vida de Jesus flui para a nossa vida, tal como a água colorida tornou vermelha a flor branca.”

“Eu amo Jesus e quero ser transformado”, disse Luc.

“Eu também”, concordou Tess.



ATIVIDADE O sangue de Jesus lava-nos dos nossos pecados e torna nova a nossa vida. Juntamente com a tua família, canta o hino “Vem a Cristo” (nº 167 do Hinário ASD).



PERGUNTA PARA REFLEXÃO Como é que podes ser como a flor da história e deixar Jesus preencher a tua vida?

“Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus” (Romanos 8:14).

QUEM ESTÁ A BATER NO TEU OMBRO?

A escola tinha acabado naquele dia e Simon, o novo amigo de Luc, queria jogar jogos de vídeo. Luc não queria pedir permissão aos pais para ir para casa de Simon. Ele já sabia o que a mãe e o pai iriam dizer. “Olá, mãe. Posso ir a casa de Simon?”, disse Luc rapidamente, enquanto deixava a sua mochila à porta de casa. Quando Simon o convidara para ir até sua casa jogar jogos de vídeo, Luc ficara envergonhado por ter de lhe dizer que não estava autorizado a jogar esses jogos. “Os pais dele estão em casa?”, perguntou a mãe. “E o que vais fazer em casa dele?” A mãe tinha feito as duas perguntas que ele mais temia. “Eu não sei se os pais dele estão em casa”, admitiu Luc. “Simon quer jogar jogos de vídeo.” Quando Simon tinha vindo para a turma há seis semanas, Luc convidara-o para se sentar à sua mesa do refeitório ao almoço. Simon parecia ser bom rapaz, mas algumas coisas que ele dizia deixavam Luc pouco à vontade. “Estou contente que estejas a acolher bem Simon na tua turma”, disse a mãe. “É importante que tratemos toda a gente de modo amável. Mas tu sabes que não estás autorizado a jogar jogos de vídeo sem nós verificarmos primeiro o seu conteúdo.”

O silêncio encheu a sala enquanto a mãe esperava que Luc falasse. “Simon é novo no bairro e não tem muitos amigos. Eu quero falar-lhe de Jesus, mas ele faz e diz coisas que me deixam pouco à vontade”, disse Luc.

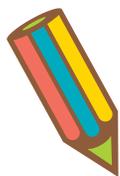
“Quando te sentes pouco à vontade com algo que sabes ser errado, isso é o Espírito Santo a cutucar-te”, indicou a mãe. “Lembras-te de quando falámos acerca de se pedir a Jesus todos os dias para dirigir a nossa vida?”

“Sim, e eu tenho orado sobre isso todas as manhãs”, informou Luc.

“Jesus está a responder às tuas orações enviando-te o Espírito Santo”, disse a mãe. “A função do Espírito Santo é ajudar-nos a pensar acerca do que estamos a fazer para sabermos se é algo certo ou errado. Tu pediste a Jesus para ser parte da tua vida”, continuou a mãe.

“O Espírito Santo quer ajudar-te a fazer as escolhas certas. À medida que o deixas agir na tua vida, outros poderão ver isso.” A mãe fez uma pausa, depois perguntou a Luc: “Então, o que vais fazer agora?”

“Acho que vou telefonar a Simon e ver se ele pode vir para nossa casa”, disse Luc. “Eu preciso de ajuda para construir o meu castelo no quintal!”



ATIVIDADE Enrola-te num cobertor e imagina que o cobertor é o Espírito Santo que te envolve. Como é que te sentes?



PERGUNTA PARA REFLEXÃO Se nós não podemos ver o Espírito Santo, como é que sabemos que Ele está connosco?

QUINTA-FEIRA

VERSÍCULO
BÍBLICO

“E eu vos darei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo, e tirarei o coração de pedra da vossa carne, e vos darei um coração de carne” (Ezequiel 36:26).

O MEU CORAÇÃO ESTÁ CHEIO DE ALEGRIA

Luc olhou para as malas colocadas ao lado da porta. Ficou muito entusiasmado, pois sabia que daí a poucas horas veria os seus avós.

Durante a viagem, Luc pensou nos seus avós. O avô contava-lhes sempre histórias e a avó cozinhava comida maravilhosa. Luc sentiu-se muito bem ao pensar neles e rapidamente adormeceu.

“Ei, dorminhoco.” Luc esfregou os olhos.

“Vais dormir durante toda a visita?”, perguntou a voz.

“Avô!”, gritou Luc, feliz. “Parece que adormeci durante a viagem.” Luc agarrou na sua mala com uma mão e na mão do avô com a outra.

Juntos entraram em casa. O aroma de pão acabado de cozer chegou ao nariz de Luc.

Enquanto a família jantava, todos partilharam o que estava a acontecer na sua vida. Em breve a refeição estava tomada e era hora do culto familiar.

O avô começou por orar. “Hoje gostaria que todos partilhassem algo por que estão gratos e explicassem porquê”, disse o avô. “Jake, podes ser o primeiro.”

Finalmente, chegou a vez de Luc. “Eu estou grato por ter uma família que é tão feliz”, disse Luc. “Alguns dos meus amigos têm famílias que estão sempre a discutir. Eu estou contente por não ser o caso da minha.” Quando Luc olhou para o avô, viu lágrimas nos seus olhos.

“O que disste é muito importante para mim”, afirmou o avô. “Sabes, houve um tempo em que eu era muito mau.” Luc ficou chocado. O avô não podia ser mau. Ele era uma das pessoas mais bondosas que Luc conhecia.

A avó confirmou. “Há muitos anos, o avô tinha um feitio muito difícil.” O avô olhou para o horizonte e lembrou-se de algo que se passara há muito tempo. “A avó tem razão. Eu não tinha qualquer controlo sobre o meu feitio ou sobre as minhas atitudes”, disse o avô. “Isso foi antes de ter aceitado Jesus. Quando Lhe confessei os meus pecados, pedi-Lhe para que me modificasse e para que me livrasse do meu mau feitio. Eu orei todos os dias para que Jesus me ajudasse a manter o meu temperamento sob controlo”, continuou o avô. “Alguns dias eu era bem-sucedido. Então agradecia a Jesus por me ajudar. Outros dias ficava zangado e perdia o controlo. Então tinha de pedir a Deus para me perdoar de novo. Mas, com a ajuda de Deus, acabei por conseguir controlar o meu temperamento.”

“Espetacular!”, exclamou Luc. “No outro dia aprendemos sobre os dons do Espírito, como a paz, a bondade, a alegria e o domínio próprio. Parece-me que o avô tem o fruto do Espírito!” O avô riu-se. “É isso mesmo, Luc. Quando aceitamos Jesus e confessamos os nossos pecados, a nossa vida é transformada.”



ATIVIDADE Mistura quatro colheres de sopa de vinagre com uma colher de chá de sal. Coloca várias moedas na mistura e permite que elas fiquem aí durante alguns minutos. Retira as moedas do líquido e seca-as. O que aconteceu às moedas?



PERGUNTA PARA REFLEXÃO O que tens na tua vida que faz com que precisas da ajuda de Jesus para mudar?

VERSÍCULO
BÍBLICO

"[Jesus] disse-
-lhes: vinde após
mim, e eu vos
farei pescadores
de homens"
(Mateus 4:19).

O QUE POSSO DIZER?

Estava a chover, pelo que o almoço-convívio que tinha sido planeado foi realizado dentro de portas. O Sr. Jones aproximou-se de Luc. "Estou desapontado por não termos conseguido ir ao parque", disse o Sr. Jones. "O parque é um excelente lugar para almoçar e para encontrar pessoas a quem testemunhar sobre Jesus."

"O senhor descobre pessoas no parque e dá-lhes o seu testemunho? Como?", perguntou Luc.

"Por vezes procuro uma pessoa que pareça triste", disse o Sr. Jones. "Eu sorrio-lhe e desejo-lhe um bom dia. Por vezes ela fala sobre as coisas que a aborrecem. Eu escuto e, depois, pergunto se posso orar por ela. Tu podias fazer o mesmo na escola. Tenho a certeza de que há outros estudantes que também enfrentam dificuldades", acrescentou o Sr. Jones.

"Eu já vi alguns, mas não tinha a certeza sobre o que dizer", admitiu Luc. "Eu gostaria de contar aos meus amigos da escola sobre Jesus, mas tropeço nas palavras. É realmente embaraçoso."

"Eu tenho mesmo aquilo de que tu precisas, e podes fazê-lo tu mesmo", disse o Sr. Jones. Ele tirou um livrinho do seu bolso e deu-o a Luc. O livro tinha uma capa verde. Dentro dele havia páginas em branco que eram pretas, vermelhas, brancas e amarelas. "Como é que um livro

sem palavras me pode ajudar a lembrar do que dizer?", perguntou Luc. "As cores vão ajudar-te", disse o Sr. Jones. "O preto lembra-nos de que somos pecadores e de que fazemos coisas erradas. É assim a nossa vida com o pecado."

O Sr. Jones virou a página vermelha. "O vermelho lembra-nos de que Jesus morreu e derramou o Seu sangue na cruz por nós." A página seguinte era branca. "O branco significa que os nossos pecados foram lavados!", disse o Luc, emocionado.

"E depois vem a melhor parte – o amarelo promete que podemos viver com Jesus para sempre! E o que significa a capa verde?", perguntou o Sr. Jones.

"O verde costuma simbolizar as coisas que crescem", respondeu Luc.

"É isso mesmo", disse o Sr. Jones. "Depois de aceitarmos Jesus, temos de crescer na nossa nova vida. Fazemos isso ao ler a Bíblia, ao partilhar Jesus com os outros e ao passarmos tempo em comunhão com outros crentes."

"Eu tenho algumas folhas coloridas comigo. Gostarias de fazer um livro missionário depois do almoço?"

"Sem dúvida!", respondeu Luc com um sorriso. "Mal posso esperar para mostrar isso aos meus amigos da escola!"



ATIVIDADE Faz o teu próprio livro missionário. Podes usar papel, pano ou feltro coloridos. Vais precisar de: preto (7cm x 15cm), vermelho (7cm x 15cm), branco (7cm x 15cm), amarelo (7cm x 15cm), verde (14cm x 15cm).

1. Coloca os retângulos coloridos uns sobre os outros nesta ordem: preto, vermelho, branco e amarelo.
2. Envolve os retângulos coloridos com o papel, o pano ou o feltro verde, de modo a formares uma capa de livro.
3. Se estás a usar retângulos de papel, agrafa o lado do livro que é a lombada. Se estás a usar retângulos de pano ou de feltro, cose o lado da lombada verde, certificando-te de que coses todos os retângulos coloridos. A costura deve unir todas as páginas do livro à capa verde.



PERGUNTA PARA REFLEXÃO Como é que podes vencer o medo de partilhar o teu livro missionário com os outros?

VERSÍCULO
BÍBLICO

"E, quando aparecer o Sumo Pastor, alcançareis a incorruptível coroa de glória" (I Pedro 5:4).

SEGUNDO SÁBADO

A MELHOR REUNIÃO DE FAMÍLIA

"**E**stou tão empolgada que não consigo ficar quieta", exclamou Tess enquanto varria o chão. "O tio Jack e a tia Mary estão quase a chegar. Finalmente vou poder ver Beth de novo!"

Luc também estava empolgado. "Billy, Sam e eu poderemos jogar à bola juntos", acrescentou ele. "Vai ser muito divertido."

Os minutos iam passando enquanto eles esperavam que os seus tios e primos chegassem, mas o tempo parecia estar parado. Finalmente, ouviu-se o apitar de uma buzina junto à casa. Tess abriu a porta exatamente quando o tio Jack começara a tocar à campinha. "Julgávamos que nunca mais vinham", disse Tess.

Todos se acomodaram e a mãe serviu copos com limonada gelada. A mãe perguntou se alguém queria mais limonada. "Eu gostaria de mais um copo, por favor. Fizemos uma longa viagem hoje e esta bebida fresca sabe bem", respondeu o tio Jack. "Esta reunião de família faz com que a viagem tenha valido a pena."

"Eu só queria que vocês pudessem ficar aqui para sempre", disse Luc.

"Isso seria agradável", afirmou a tia Mary. Luc refletiu um minuto e disse: "Um dia teremos uma reunião de família que nunca terminará."

"Pois é", concordou o pai. "Mal posso esperar por isso!" Todos concordaram.

"Vocês deviam ter visto Luc e Tess antes de terem chegado", disse a mãe. "Eles iam à janela de cinco em cinco minutos, para ver se vocês já tinham chegado. Foi um bom lembrete sobre o modo como devemos aguardar a Segunda Vinda de Jesus."

"Nós não nos preparámos apenas hoje. A mãe cozinhou durante toda a semana. Ela disse que queria estar preparada quando vocês chegassem", confirmou Tess.

"Isso lembra-me de um versículo bíblico que eu li esta semana", disse o tio Jack. "É I Coríntios 16:13. Diz o seguinte: 'Vigiai, estai firmes na fé; portai-vos varonilmente e fortalecei-vos.'"

Durante os dias seguintes os miúdos brincaram juntos, exploraram o quintal juntos, oraram e estudaram a Bíblia juntos. A família cantou ao redor do piano. E como culminar de tudo, todos foram até ao lago para um piquenique e para nadarem. Rapidamente a reunião familiar chegou ao fim. Enquanto carregavam o carro, Tess não conseguiu conter as lágrimas. "Divertimo-nos tanto juntos", disse ela. "Quem me dera que não tivessem de ir embora."

O tio Jack abraçou-a. "É triste, mas voltaremos a ver-nos de novo", disse. "Se não nos voltarmos a encontrar, lembra-te de vigiar e permanecer firme. Todos nós queremos estar prontos para a vinda de Jesus. Será então que começará a interminável reunião familiar com Jesus."



ATIVIDADE Faz um desenho com todas as pessoas da tua família que queres que venham à tua reunião. Será que todas essas pessoas sabem Quem Jesus é e que Ele vai voltar? Se não o sabem, certifica-te de que as convidas para a festa.



PERGUNTA PARA REFLEXÃO Já alguma vez te pareceu que Jesus nunca mais nos vai levar para o lar celestial? O que podes fazer para te manteres entusiasmado com a perspetiva da Segunda Vinda?



*Aprofunde o seu
conhecimento da Bíblia com o*
"COMENTÁRIO BÍBLICO".



35€
CADA EXEMPLAR

LIGUE **21 962 62 00** | LIVRARIA DA SUA IGREJA
COMPRA ONLINE WWW.PUBLICADORA-SERVIR.PT